COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITERATURA BRASILEIRA

COELHO NETTO

Palestras da Tarde

F. BRIGUIET & CIA.
Rua do Ouvidor, 109 — Rio de Janeiro

PALESTRAS DA TARDE

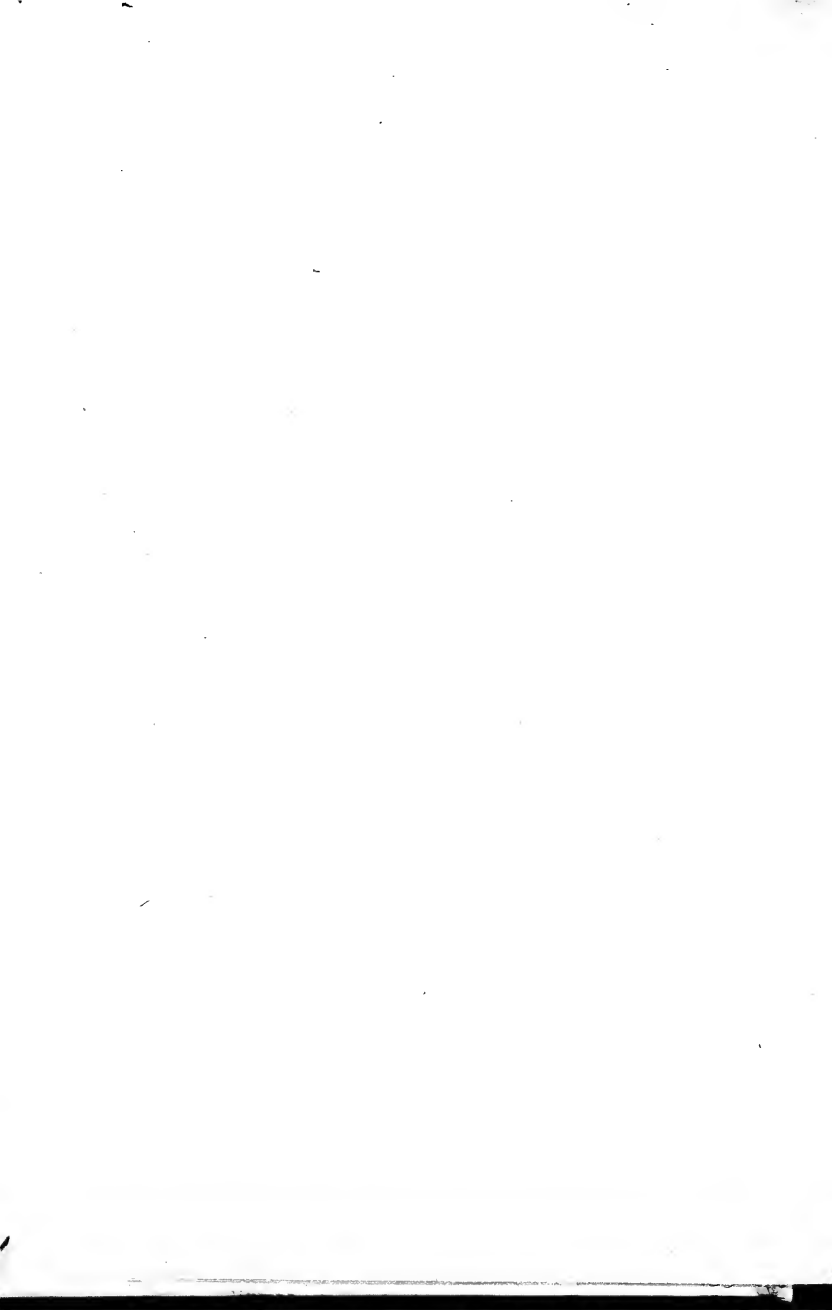
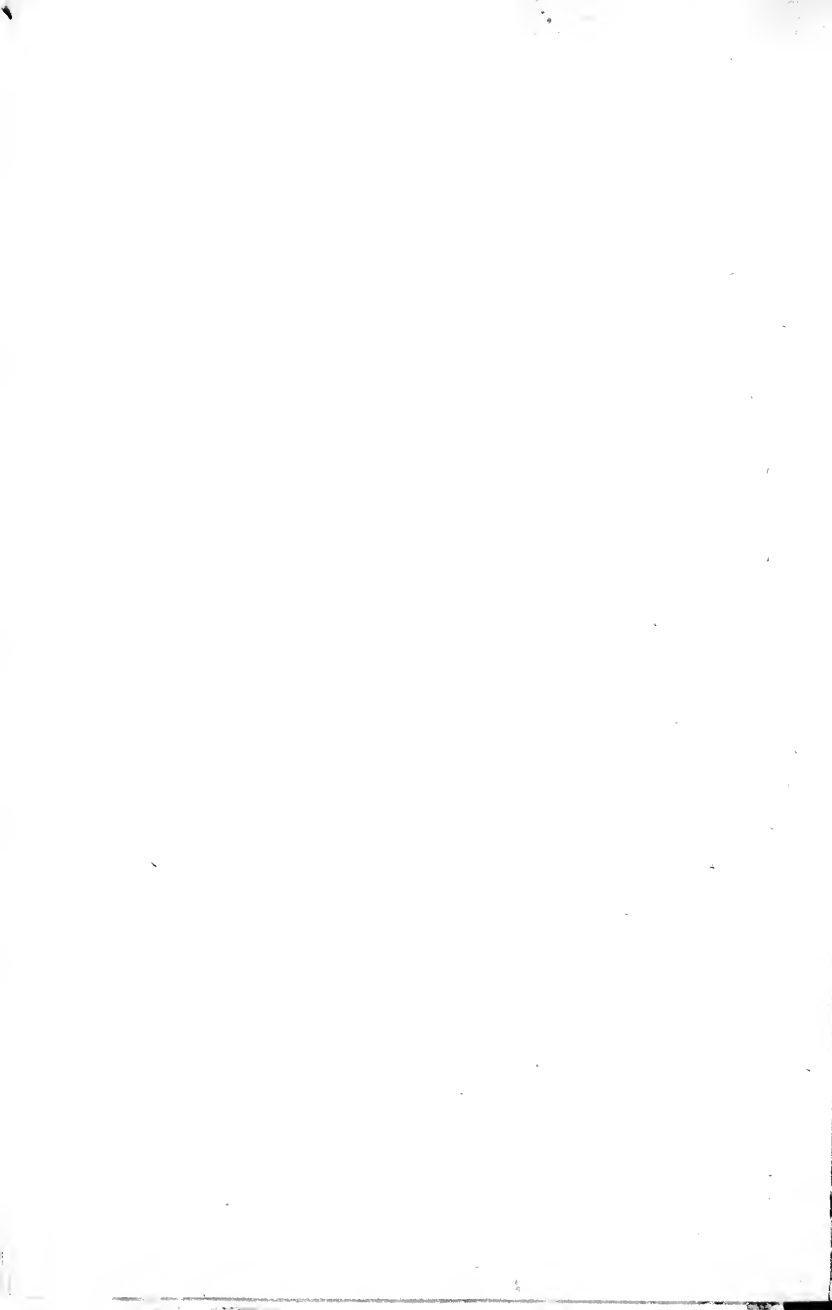
COELHO NETTO

Palestras da Tarde

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1911

ESPECTROS DIVINOS

No Instituto Nacional de Musica
a 15 de Junho de 1907

Foi em um dos derradeiros dias de junho, o frio e alegre mez dos santos — já o paternal e milagroso Antonio passára na refulgencia mirabolante dos fogos de artificio, restituindo a seu dono coisas extraviadas, sarando enfermos e espalhando a mancheias flores de laranjeira — quando, accedendo a convite amavel, uma madrugada, atabafado em lans, como se fosse affrontar tempestades polares, deixei a cidade, já acordada e ruidosa, pela dôce quietação campestre, amada dos deuses e dos poetas.

Atravez da lanugem de névoa, que envolvia os cerros, mais densa e mais alva no fundo dos valles, levou-me, em passo lerdo, da florida estação em que me deixara o comboio, por veredas toldadas de ramos buliçosos, á fazenda á que me destinava, o mais paciente burrico que hei jamais cavalgado.

Espalhando, com enlevo, o olhar em torno, parecia-me que a paizagem ardia, tanto era o fumo a subir fluctuando, ora em rolos, ora tenue, esgarçado, diluindo-se no ar fino.

As arvores davam a impressão virginal de commungantes, cobertas de véus brancos e era pelas chans avelludadas um suave marulho dizendo o segredo das aguas que discorriam friissimas, arrepiadas, duma transparencia de crystal sobre areias e seixos claros, por entre margens rasas de um verdor mimoso, onde arrulhavam rolas e esvoaçavam passarinhos.

O galreio das aves modulava em concerto. E de flôres, que profusão variegada! Arvores havia cuja fronde redonda era toda um immenso ramo e, ao bafejar da aragem, choviam petalas roxas ou amarellas, alcatifando a terra em volta e, á tona dos banhados, era o niveo açucenal, donde fugiam garças como se as flôres, subitamente animadas, mudando as petalas em plumas, levantassem vôo, livres. E era inverno, imaginem!

Longe em longe, entre os mattos redolentes, apparecia um rancho, uma casa palhiça, com a roça cercada de espinheiros e os pendões dos milhos espannejando como plumas louras.

Pelos aclives de arestas irregulares, cabras trepavam temerariamente e nos fartos capinzaes,

dum verde fino e tenro e rebrilhantes de orvalho, bois immoveis pasciam.

Sentia-se o cheiro ácre e saudavel dos silvedos e o sol, scindindo o nevoeiro, rosava-o, começando a dourar as folhas que reluziam.

Iris aureolavam cuspides; nos cimos já era d'ouro a balsa e as arvores pareciam espalhar uma poeira flaminea como se sacudissem em bençãos germinativas o pollen da fecundação.

Borboletas esvoaçavam ainda estremunhadas, pousando na haste flexivel dos arbustos, onde ficavam como flôres.

Eu embebia os olhos avidos naquella belleza, fartava-me daquelle ar delicioso, escutando, com enlevo e ternura de namorado, o cochicho perenne das aguas sumidas sob a relva.

Dum alto, entre duas pedras molhadas, onde lagartos papeiavam, gosando o sol e esfusiando ariscos mal me sentiam perto, avistei a casa da fazenda, num valle reticulado crystallinamente de ribeiros sinuosos, com um fundo azulado de matta a entaipar o horizonte, destacando-se numa alvura de cal fresca, com a sua vasta varanda de columnas afestoadas de trepadeiras, como as de um templo pagão.

A vista percorria uma vastidão ondulada de collinas tumidas até a barra do céu de arminho, aqui, ali, rasgado em nesga sobre o azul.

Acolhido com o carinho hospitaleiro da nossa gente, tive o meu aposento tão perto do moinho que, á noite, até tarde, ficava-me debruçado á janella, por onde entravam vaga-lumes e phalenas, a ouvir o escachôo d'agua e, já no leito, no fresco e macio alvor dos linhos perfumados, com o somno a cinzar-me os olhos, ainda escutava o fluido murmurio e adormecia áquelle doce cantar da natureza.

Que differença do ruido da cidade, do estrondo das ruas, que não dormem!

Na tarde festiva da vespera de São João — as nevoas sahiam cedo envolvendo as cumiadas, atoalhando as varzeas, pendurando-se dos ramos — carros despejavam grossos tóros de lenha e ramalho no terreiro e feixes de canna, cestos de batatas, jacás de espigas de milho e no ar, em vez do arôma das açucenas, sempre trescalantes áquella hora, pairava o cheiro apetitoso dos guizados, em que se apuravam as cozinheiras.

Na extasiada serenidade do crepusculo — as estrellas nasciam — um chiado estridente subiu no silencio largo.

A casa alvoroçou-se, sahiu gente á varanda atalaiando os vindiços e, mal appareceu ao alto o carro de bois, que se annunciára pela chiadeira, com o seu toldo de palha, foguetes frecharam o

espaço, estrondaram na altura, esparrimando scintillas e as saudações de bôas vindas cruzaram-se com os acenos de amizade, da varanda para o carro, do carro para a varanda.

E o que ali vinha no lento e vasto vehiculo! moças, rapazes, crianças e velhinhos e, quando se pensava que o ultimo sahira, ainda apparecia uma cabecinha arrebicada de laçarótes, ainda lá dentro casquinavam risos ou uma voz rabugenta resmungava.

E outros carros chegaram e cavalleiros em animaes garbosos, ajaezados a primor, arrifando-se, cabeando ou em bestinhas morosas, que vinham em chouto batido, d'orelhas bambas, por vezes passarinhando ao estourar das bombas ou aos rabeios esfusiantes dos busca-pés. Que alegria!

Quem me déra esse tempo em que floriu a minha mocidade, quem me déra um só dos seus serenos dias, uma só das suas illusões! E' bem verdade que nós só conseguimos regressar aos dias passados e nelles gosar a delicia agri-doce da saudade, quando evocamos um facto em que fixemos a memoria.

O tempo é vaga abstracção : intangivel como o ar, como a luz, foge-nos ao conhecimento — é um vazio que só vale quando nelle entram emoções. Fica-nos a recordação de uma arvore

e um anno escôa sem deixar vestigio. O que chamamos passado é um conjunto de impressões remotas.

Foi nessa tarde que eu senti o que venho resumir nesta palestra pallida.

Perto da casa, no viso dum outeiro esmaltado de madresilvas, avultava, branca e illuminada, a capellinha de São João, padroeiro da fazenda. Em baixo, no começo da ladeira, em sitio agreste, verdadeiro algar, escondia-se a choça de Raymundo, velho escravo, typo sombrio, macambuzio, banzeiro, que evitava todo convivio, preferindo a vida alapardada no sordido tugurio, onde resmoneava cantos soturnos ao som tristonho do urucungo, á intimidade da gente que, seja dito de passagem, não o via com bons olhos, tendo-o, como era crença, por aparceirado com o demonio.

O sino da capella resoava na forca, ao adro, repicado por um moleque; zuniam foguetes, bombas explodiam e, ao som de sanfonas e concertinas, violões, flautas e machetes, lá fomos todos em romaria ver o santo, muito gracioso no seu costume arcadio, um melote a cingir-lhe os rins, o anho velludo aos pés e no punho, solta ao vento, a flammula messianica.

O vigario — quasi oitenta annos! — que viera de longe para a festa, em predica suave,

como se conversasse á varanda, repoltreado na cadeira de vime da sua predilecção, falou-nos da vida ascetica do essenio, da rigida pureza dos seus costumes, da sua sobriedade austera, do seu amor ao silencio, do seu exilio voluntario no deserto, onde o foi buscar Jesus e pedir-lhe o baptismo e, por fim, descreveu-lhe a morte tragica na torre romana, decapitado, para satisfação do capricho de uma mulher devassa.

Ouvindo-o, eu contemplava a imagem do Baptista, figurando um guapo rapazelho, de feição menineira, olhos suaves, cabellos louros, em anneis soltos sobre os hombros nús, contrastando flagrantemente com o retrato arrepellado e selvatico, que nos apresentava o bom vigario, muito preoccupado em dar-nos uma forte impressão de severidade e amargura.

Terminada a cerimonia, uma gyrandola arrancou estrepitosamente, espalhando no ar um chuveiro de estrellas; o sino repicou mais alegre, a musica preludiou e, pelo caminho cheiroso, onde era trépido e continuo o cantar dos grillos, descemos jocundamente.

Já as fogueiras crepitavam, lançando labaredas altas e a criançada corria, traquinava, saltando ao clarão sandicino das chammas em torno dos lumareus.

Quando passámos perto da choça do africano, ouvimos o merencoreo instrumento e o canto monotono, grugrulhado em voz taciturna.

Lá estava elle de cocaras ante uma fogueirinha de gravetos, invocando, talvez, os espiritos da sua selva natal, divindades sinistras e sanguinarias, que, á noite, percorrendo a aringa aterrada, vão de cubáta em cubáta fazendo estortegarem-se em escabujamentos titanicos, aos clamores propheticos, as virgens consagradas, ou estrangulando crianças nos braços das mãis paralysadas de terror. As moças e a pequenada passaram de corrida, as velhas, voltando o rosto, esconjuravam rancorosas.

Aos que assim mostravam tão aversivo horror pela crença do negro boçal poderiamos repetir as palavras verdadeiras, com que Hilarião defende Isis ante a execração do eremita :

« Respecte-la ! C'était la religion de tes aïeux ! tu as porté ses amulettes, dans ton berceau. »

Quando chegámos á casa, as mucamas endomingadas logo nos preveniram da ceia.

A sala resplandecia e eram tantas as flores, tantos eram os frutos, que os olhos tinham, a um tempo, a delicia dos jardins e o goso dos pomares. Sentámo-nos.

Que direi da abundancia e da variedade escolhida das iguarias ! Os pratarrazes succediam-se

recordando os brodios colossaes do antigo tempo, quando o homem, em pleno vigor da saude, devorava robustamente sem os requintes da gulodice, com a gana puramente animal de comer a fartar, atassalhando rezes á beira do fogo com o mesmo gladio com que, nos recontros ferozes, abolava armaduras e talhava, dum só golpe, o ginete e o seu cavallo.

E falava-se, ria-se, lembravam-se outros annos e os que, com elles, haviam desapparecido, os mortos que, lá do Além, onde as estrellas velavam, intercediam pelos vivos ou, rondando a casa, protegendo-a, como lares domesticos, gosavam ouvindo as enternecidas palavras de saudade com que eram relembrados.

O foguetorio explodia, ouvia-se o lufar das chammas, o estrallejar da lenha, o vozerio das crianças e as arvores, ao clarão, luziam, como de metal, na orla da matta ennevoada pelo luar.

Sahi á varanda e dei com uma linda moça que levantava nos braços o filhinho, offerecendo-o á lua com estas palavras docemente moduladas :

« Lua, luar, tomai este menino e ajudai-m'o a criar ». Outras iam e vinham cochichando. Esta, propunha deixar um ovo num copo d'agua, ao relento, para que o Destino se revelasse em symbolo de amor ou de morte; aquella esperava,

com ancia, a meia noite para ir á fonte ainda que a vereda, pela matta, amedrontasse, sempre, como diziam, assombrada d'almas, écoando gemidos de lemures em pena.

E ali, naquelle cantinho sociavel, appareceram-me, como invocados da morte, varios mythos da Humanidade sonhadora : o animismo fetichista do negro africano, o culto astral á maneira egypcia — Isis recebendo os votos maternaes. Além, o fogo lampejando, o « nodfyr » germanico, a fogueira de Freya (1) que os camponios suabios ateiavam, provocando a centelha pelo attricto dos lenhos, como o « patni » aryano quando embutia a « pramantha » no concavo de « arani » torcendo-a, em fricção rápida, até despertar o calor e tirar a faúlha que se communicava ás versas do altar onde explodia em flamma; a hydolatria e o magismo divinatorio.

Disse muito bem Fustel de Coulanges :

« Heureusemeut le passé ne meurt jamais complètement pour l'homme. L'homme peut bien l'oublier, mais il le garde toujours en lui. Car tel qu'il est lui-même à chaque époque, il est

(1) Les feux de joie qu'on allumait à la fête *d'Eostur*, en l'honneur de Freya, donnèrent naissance aux feux de Pâques, *Osterfeuer*, de la Belgique et de l'Allemagne et aux feux de la Saint-Jean, en France.— ALFRED MAURY

le produit et le résumé de toutes les époques antérieures. S'il descend en son âme, il peut y retrouver et distinguer ces différentes époques d'après ce que chacune d'elles a laissé en lui. »

Recolhendo ao meu aposento (os pares misturavam-se gyro-gyrando ao som das valsas na sala vasta, ainda mais alargada com a ausencia dos moveis, as fogueiras esmoreciam em brazas rutilantes; no terreiro os negros saracoteavam aos pinchos ao som tumido dos tambores) olhando os balões que fugiam no espaço levados na monção do vento e ouvindo as aguas no seu eterno gorgolejo, puz-me a pensar nas religiões do Passado, nessa Poesia sempre renovada n'alma, lume que vem da madrugada da vida, desde o altar rustico, levantado no cimo da livre collina asiatica, centro do arraial dos aryas, até o templo christão, vivo, claro e sempre aluminando a Fé.

Os velhos deuses, os velhos cultos, eil-os ahi todos, passam por nós, vivem comnosco, surgem de todos os cantos. Nas proprias igrejas, nos nichos, ante o sacerdote que os combate, elles apparecem, um momento pairam e somem-se no fumo dos thuribulos, como demonios exorcisados.

Pobres espectros!

Se eu quizesse falar de todas as sobrevivencias, certo não vos convidaria, com prazo tão curto, para tão longa lição.

Vejamos de passagem, salteando no tempo, algumas mais frequentes. Na tempestade, por exemplo, mal estronda o primeiro trovão logo o esconjuram por meio de preces, queimando palha benta, accendendo velas do Santo Sepulchro, porque na Idade Media, como os phenomenos meteorologicos eram attribuidos á perversidade dos demonios, ao rolar longinquo dos trovões logo os sinos entravam a repicar em alarma; a chuva era borrifada com agua benta e os relampagos, scindindo os vitraes, faziam empallidecer as lampadas accesas ante os nichos dos santos.

Posto que não tenhamos os nossos mortos na vizinhança da casa, como faziam os antigos, os seus manes ou demonios velam ainda do fundo do mysterio sobre o nosso lar. Invocamol-os, juramos por elles, prestamo-lhes culto, senão com o « sraddha » hindú ou com as « parentalia », á maneira de Roma, que eram banquetes servidos aos mortos, com a oblação perfumada e luminosa das flores e dos cirios.

Cada um de nós representa uma accumulação de vidas, a herança millenar dos ancestraes manifesta-se em tudo,

A criança, ainda que rapidamente, passa por todos os periodos da evolução religiosa — desde o terror até a crença num Deus amerceador e forte. A educação modifica-lhe o espirito ou mais o embóta, dando-nos o homem superior e limpido ou o supersticioso toldado de abusões.

Supersticioso... ai! de nós, quem o não é um pouco? Rimos da benzedeira que se achega ao leito do enfermo ou ao berço da criança combalida com um pires de oleo ou um ramo de alecrim ou de arruda e benze a erysipéla e conjura o quebranto, emquanto o fogareiro, em que ardem raizes de virtude e arómatas, espalha no ambiente o fumo que repulsa os males.

Que murmúra a velhinha, herdeira da pythonissa e da saga? palavras de tanto prestigio como as que pronunciavam os asclepiades em Epidauro ou os padres egypcios em Heliopolis ou em Philae.

Em um papyro medico do tempo de Ramsés diz o autor no prefacio : « Possúo encantamentos compostos pelo proprio Osiris — e accrescenta categorico : os encantamentos são bons para os remedios, como os remedios são bons para os encantamentos ».

Em tijollos assyrios Oppert descobriu orações a Ishtar e a Istubar, efficacissimas, como as das nossas rezadeiras, na cura da erysipela, do phle-

gmão, da ictericia e amavios infalliveis em casos de amor infeliz.

E que direi eu dos succedaneos dos abraxás, dos abracalans, dos phylacterios, das nominas, dos breves e de tantos outros amuletos e quebra-enguiços? Os homens trazem-n'os occultos, as senhoras usam-n'os como berloques, nos seus pendurucalhos elegantes, desde a figa de azeviche ou de coral e guiné, o corcunda, o bacorinho, o signo de Salomão, os olhos de Santa Luzia, até a garra de onça, com vestigios de carne e sangue, garantia segura contra as traições... maritaes.

De algumas sei eu — e são espirituosas, lidas e viajadas, rindo em publico da crendice dos simples — que usam breves com hyppocampos, trazem á cinta orações contra a inveja e, se succede terem máos encontros, vão ligeiras com a mão á bolsa, rebuscam afflictamente as chaves do guarda-joias, esfregam-n'as ou, dissimulando o gesto, dobram os dedos, pondo em riste o indicador e o minimo, em bidente, ou, melhor em cabeça de touro... contra a jettatura.

Diz-nos o erudito Leoni : « Muitas das nossas cerimonias e praticas religiosas, como os bailes nas igrejas, as pausas nas processões, os asylos, a reverencia á mesa, o fechar os olhos e a boca ao defunto, o lavar o cadaver, o uso das prantea-

deiras, nos vieram das instituições romanas. 'As mesmas usanças e superstições populares não têm outra origem. As festas do Carnaval são as saturnaes de Roma; os dias aziagos, os « dias atri ou nefasti »; os espectros nocturnos, ou as « coisas más » que, alta noite, perturbam o silencio das casas, os « lemures » ou « larvœs nocturnœs »; a sina ou o fado, em que geralmente acredita o vulgo, o « fatum inevitabile »; a varinha de condão, o « lituus » dos augures as nominas de que usa a gente do povo, os phylacterios dos pagãos, as figas que as mãis penduram ao pescoço das crianças para livrar do quebranto, a « res turpicula » de que geralmente usavam os gentios. » E accrescenta, deixando de enumerar outras superstições que « para se conseguir que os povos deixassem de celebrar « janeiras e maias », foi mister instituir procissões que os distraissem daquelle culto gentilico; e, todavia, ainda hoje, em algumas das nossas provincias, se não extinguiram de todo estes restos de tão inveterado paganismo ».

O progresso, como a moda, é meramente exterior — a alma é invariavel. Nada perece: as ruinas voltam a ser terra fecunda, o cadaver transforma-se em humus, as aguas tornam das nuvens em chuva e em orvalho, a cinza aduba e revive na flôr.

O hymno dos antigos sacerdotes ainda resôa sob a abobada das cathedraes e a inspiração, que roçou a fronte dos poetas orientaes ainda reçuma da estrophe, reapparece na estancia.

Se assim é com o ephemero, porque só havia de morrer o divino?

A lamentosa voz ouvida pelos navegadóres que velejavam nas vizinhanças de Syracusa, annunciando a morte de Pan, foi uma illusão. Todos os cultos subsistem stractificados : as sombras dos deuses vivos são os deuses mortos, a igreja de Jesus tem por alicerces os fundamentos do templo de Zeus.

« Cada religião que morre, disse Ampère, deixa o seu fantasma. »

Nos mesmos lugares em que pereceram os deuses surgiram os santos. Nossa Senhora, por exemplo, é a synthese de todo o feminino zodiacal, dizem-no as multiplas invocações. Ella é Ceres, protectora dos campos (Madona del-l'arco); ella é Amphitrite, amiga dos navegantes; ella é Pallas, Senhora das Batalhas; ella é Lucina, Senhora do Parto...

No furor dos combates S. Jorge era invocado como Arés ou Marte. São Humberto é o patrono dos caçadores; Santa Cecilia é a musa suave da Harmonia.

Que direi eu das offerendas e libações? S.

Cosme e S. Damião banqueteam-se á tripa fôrra; Santo Onofre bebe como Sileno. E, no rito, que são os cirios, as danças, os coros mysticos, as procissões, senão o lume antigo, a emmelia grave, o cantico das parthenias e as theórias?

A lampada que arde no vosso lar, ante o oratorio em que tendes os santos, quem a accendeu senão Hestia?

E não se queixam os antigos deuses da usurpação de que são victimas? não, essas metamorphoses são como hypostases, reencarnações do mesmo idéal de consolo, do mesmo sonho de Poesia mystica.

Vamos pelo campo olhando a seára em flôr, ouvindo as vozes bucolicas e louvando o Senhor que nos agracia com a abundancia. Mas a loura figura de Ceres passa entre os ceifeiros sobraçando paveias, com uma capella de papoulas e rosas silvéstres apegadas á fimbria da tunica. Para vel-a, basta haver lido e haver guardado a impressão de Hesiodo, de Theocrito e de Virgilio, esses evangelistas pagãos.

Entramos ao bosque — logo um murmurio, passos levipedes, cochichos, risinhos, ramos que se apartam, uma sombra aflôrando a agua dormida.

Que será? O sertanejo dirá logo, arrepiado e

persignando-se — é o sacy ou o capóra. Dir-
nos-ia um saxão — é kleber; um bretão expli-
caria — é um elfo. O homem da Floresta Negra
nomearia — um kobbold.

Espectros dos antigos deuses jocundos, com-
panheiros de Faunus e de Pan, que povoaram
o arvoredo, retouçando nas folhas, espiando
lascivamente as nymphas no banho ou armando
ciladas perversas ás camponias que envere-
davam na brenha.

Rebrilha, ondula e freme a agua do rio — é a
yara, é a nixe, é a ondina, espectros das naiades
humentes que se escondiam entre cannas ou,
surprendidas em meio da corrente, achegavam
aos lindos seios nús as nymphéas floridas.

Fluctúa uma nevoa branca acima do cerro
solitario, apparição, direis — espectro de oreada
alpestre,

E assim o mundo é um cemiterio divino, onde
erram, como fantasmas, os espiritos elyseos.

Melhor fôra que os conservassem a todos no
mysterio não os abastardando, como fizeram a
Pan, o arvense, que foi mudado em demonio, e
á linda Venus, que foi exilada em um monte thu-
ringio, de cuja fralda, como Nitokris, á sombra
da pyramide, chama os que passam, attrahindo-
os ao seu antro, como succedeu a Tannhäuser.

E que são as fadas senão espectros das antigas

nymphas? e que são os genios senão fantasmas dos antigos deuses? E ainda a lycanthropia...

Esses monstros hybridos que, á noite, assombram as encruzilhadas, como o lobis-homem, a mula sem cabeça, vieram do Oeta e do Pelion, onde caracolavam os centauros.

Pobres deuses! são as suas almas que nos aterram, ellas que fizeram o encanto dos nossos maiores; ellas que eram a sua mais animadora esperança, invocadas em horas de soffrimentos como consolo a maguas e lenitivo a dôres.

E' verdade que sáhem de um tumulo, como duendes; vêm do Passado — são as crenças extinctas, são os symbolos da primitiva Fé, a essencia das religiões que passaram, espectros de antigas illusões.

Calaram-se os oraculos. O cedro sagrado do Dódona tombou aos golpes do machado do pirata illyrio. A pythia delphica emmudeceu no seu antro. Selvas emmaranhadas e cavernas lobregas onde estrondavam as vozes auguraes, hoje apenas frondejam e reboam com os ventos.

Despojado de todo o prestigio e do mysterio augusto que, outr'ora, os defendia, esses lugares de culto deixam-se agora penetrar até as profundezas, onde só os asséclas da divindade ousavam chegar, ao som das lyras qua abrandavam os numes.

Mas desappareceram todas essas mulheres predestinadas, que viam atravéz do tempo e communicavam aos homens, em enigmas, o segredo inviolavel do Destino?

Certo não encontraremos uma Phemenoé que nos diga, em hexametros, sublimes como os de Homero, a sorte dos nossos venturos dias — saude robusta e alegre ou enfermidade dorida: ouro em cópia ou fome e nudez misserrima, mas...

Eis ali, em calleja deserta, a baiúca do oraculo. E' uma espurcicia. Sobe-se ao piso esoterico por uma estreita escada que range, forrada de lodo viscido, por onde escapolem ratos em chiadeira. Os pés esparrimam baratas e, ao deslizar da mão no mainel, que oscilla, os dedos vão esmagando aranhas e ennegrecendo á poeira.

O ambiente obscuro tresanda á humidade e a lixo. Entra-se ás apalpadellas, tão densa é a escuridão. Uma noite artificial encerra a vidente, que recebe, em chinellas, á porta de uma saleta, tão atravancada de cacaréos que mal se pode dar um passo sem ir de encontro a um movel carunchoso, sem derrubar uma lata cheia de bugigangas, sem dar com a cabeça em alguma prateleira.

Cadeiras espipadas, um sofá cambóto, sobre

tres pés, um delles enleiado em cordas, a palha concava e tanada formando um ninho ao centro.

Ao meio da sala, a mesa que substitue a tripode.

Senta-se o consultante. A mulher, que, ás vezes, masca, quando não exhala o fortum alcoolico, tira duma gaveta um sordido baralho, lança as cartas e começa a araviar.

Que differença da linguagem alada de Phemen oé!

Não é a inspirada de Apollo, mas a mercenaria soez, que intruja a bôa fé, que mystifica a ingenuidade, dando sempre um pouco de alento á alma combalida em troca de uma esportula.

Criminosa, direis... Não sei.

A medicina nem sempre cura, mas refaz a coragem. O enfermo, sorvendo o remedio, confia em que nelle bebe a vida, e a fé auxilia a therapeutica. E porque não ha de a alma soccorrer-se tambem da promessa da cartomante?

A esperança de melhores dias pode salvar um desgraçado, abrandando-lhe o desespero.

E' vel-o antes da consulta e vel-o depois. Entra acabrunhado, suspirando, com o coração confrangido. Que lhe dirá a mulher sabedora? Instantes depois, sahindo, é outro : sorri e parte de cabeça erguida, direito ao trabalho, de animo

retemperado. Luta e vence, tira-se da difficuldade. Eis a prophecia realisada.

E o homen bemdiz a « bruxa » sem comprehender que deve toda a victoria ao seu exclusivo esforço, á corajosa e pertinaz energia com que sahiu ao encontro da Fortuna, na estrada que ella mais frequenta, que é a do trabalho.

E, assim, accendendo a esperança n'alma, essa sombra das antigas pythonissas e sibyllas concorre para manter no homem a coragem e fortalece-o para a vida.

Mas onde iria eu se quizesse mostrar todos os vestigios das religiões extinctas que, todavia, subsistem na religião que vive!

Na terra, onde flôresce a roseira que perfuma o nosso lar, quantos residuos jazem de outras plantas?

Mas deixemos o passado e vejamos o que nos ficou dessas religiões, cujos espectros enxameam os seculos e hão de nelles persistir vivazes, ainda que a Sciencia ande sempre a afugental-os, repellindo-os da Alma da Humanidade.

As religiões elementares deixaram-nos o culto da natureza.

O fogo, deus primordial, segue-nos em todos os tramites da vida. Sentimol-o em nós, no sangue; sentimol-o em centelha nos olhos e temol-o presente em tudo; visivel e ethereo nos astros,

terreal na chamma, recondito na pedra de onde explue, em represalia faiscante, quando o bloco é fendido ou apenas lascado pelo malho.

Symbolo do lar é o elemento domestico e sociavel por excellencia, eixo da familia, nucleo do altar. E' claridade e calor e é nume. Durante o dia é operario — a sua blusa irradia, é toda uma fulguração.

E' vel-o na forja, é vel-o na fornalha, é vel-o no acanor, é vel-o no maçarico — funde o metal, coze o pão, gera o vapor, amolda o fio, precipita a fleuma.

A' noite, em flamma solitaria, do feitio de um ferro de lança, guarda o somno do lar e illumina votivamente o santuario.

Ruge o vento, esfrola a neve — o fogo màntem a temperatura tépida e marulha em torno da acha, como um cão a rosnar presentindo inimigo. Por vezes, insurge-se e lavra impetuoso trahindo o proprio lar que alue carbonizado, mas os deuses tambem vingam-se e o proloquio affirma que a vingança é seu prazer. Não podia o deus radiante fugir á regra divina.

O amor com que veneramos o fogo é tradicional, vem-nos dos grandes dias terrificos, quando o nómade, sentindo a noite e, com ella, a ameaça dos monstros que se rebuçavam na treva, recorria á protecção de Agni e, com a

scintilla sagrada, accendia, em torno do acampamento, as fogueiras que continham á distancia os carnivoros da brenha,

Vemol-o em toda a parte : nos lumareus e nos cirios, na officina e no casal, em flamma e em braza, alumiando, agindo, curando ou acceso oblativamente ante as imagens, no altar. Deus vivo.

As aguas amaveis, aguas marinhas e aguas de fontes, ambas fecundas — sangue que circula na terra, cantando; refrigerio do mundo, baptisterio dos astros. Quer da onda verde, quer das correntes limpidas que buscamos avidos vemos sahir deuses de outr'ora.

Amamol-as, as aguas que regam e, se nos faltam á sêde ou ao refresco das roças, pedimol-as em preces, estendendo as mãos ás nuvens que passam na altura, as nuvens ethereas, peitos pojados de leite crystallino, e as nuvens derramam copiosas chuvas que fazem explodir a floração campestre e alegram os rebanhos nas pasturas pouco antes esturradas e logo ás primeiras gottas coloridas em verdor de seiva.

A floresta, centro dos deuses iniciaes, de onde sahia, coroada de flôres, a primavera cheirosa, de onde abalavam em bandos os cantores alados; a floresta, asylo do homem, reservatorio das aguas nos periodos de esterilidade,

celleiro farto nas éras de apertada inopia, verde e fresca no mais causticante fulgurar do estio, com refolhos agasalhados para abrigo no mais rigoroso inverno, a floresta era tambem divina.

Teme-a ainda hoje o lenhador, empallidece quando, ao penetral-a, ouve as vozes mysteriosas dos seres que a defendem garantindo a arvore, protegendo a fonte. Taes vozes sôam desde a primeira madrugada do mundo, e era por ouvil-as e temel-as que o homem, no receio de um encontro máu, recolhia ao colmado ou á cabana de pelles, mal começava a escurecer a tarde.

Os primitivos amaram veneradamente a terra e as suas forças e, ora contentes e agradecidos, quando viam lourejar o trigo, enfolhar-se a vinha, proliferar o gado, ora medrosos ante phenomenos incomprehensiveis, foram imaginando divindades, umas meigas e providentes, outras hostis e truculentas entranhadas nas minas, revolvendo-se em massas igneas, por vezes abalando os campos que se fendiam em fissuras, desmoronando penhascos, subvertendo póvoas e lançando dos montes, por enormes bocas, rubras como chagas, a suppuração inflammada das escorias subterraneas.

E acreditavam que, tambem nas aguas, pullulavam deuses e que tambem os ares tinham

protectores divinos e com taes crenças, que, ainda hoje, nos fazem amar e temer as energias mysteriosas da creação, deixaram germens de onde deviam brotar religiões mais meigas, que trouxessem ao homem exilado na terra um pouco de Poesia, esse ar suave do Paraizo.

Os gregos, com o seu anthropomorphismo, dando a todas as coisas uma essencia divina, pondo todas as forças d'alma sob a presidencia de um deus regulador e munifice, construiram um poema admiravel, que, se não nos deu a immortalidade olympica, creou para o espirito a immortalidade na arte.

Uma fonte brotando da pedra, entre lichens, tinha, a guardal-a, graciosa nympha; arvore alargando a ramaria frondosa era feudo virente de alguma dryada; não havia solidão — todo bosque tinha egypans, toda collina tinha a sua oreada, em toda balsa havia uma napéa, a onda rolava sempre uma nereida ou oceanide, no espelho da ribeira mirava-se uma virgem aquatica, corôada de algas, com açuçenas soltas sobre os hombros humidos.

Um verso que explodisse na inspiração viera de Apollo; um repto de tribuna fôra soprado por Polymnia; o arranque afoito de um guerreiro era um favor de Arés intrepido. O amor

era devido a Eros. Uma ave, fendendo o espaço. em vôo aligero, ia a recado de um deus e o hierophanta, seguindo-lhe a evolução no espaço, tirava augurios do meneio das remigias, que a guiavam em vertical de frecha ou a faziam voltear em arabescos aereos.

A flôr, que se abria na haste, fôra, no correr silencioso da noite, tocada pelos dedos de alguma deusa que a ungira de perfume e a colorira caprichosamente.

Tudo dependia dos deuses — o Homem era um automato, a natureza obedecia passivamente aos caprichos do Zodiaco.

Mas não ficou superioridade sem culto : houve templos erigidos á Belleza, á Força; a Graça era tida por um dom celeste e, ainda que se não alluda a tal sacello, o do sorriso, certamente, elle existiu em algum bosque de rosas e loureiros, perto d'agua cantante, onde rolas se juntavam e uma sacerdotisa, moça e linda, ao som da lyra, entoava louvores á deusa que enfeitava o rosto das suas eleitas com essa especie de iris da alegria.

De tal conjunto de crenças, assim como a rosa é uma mancheia de petalas, nasceu a Esthetica, esse evangelho da Belleza dando-nos, desde a Poesia, que é a expressão limpida da emoção, a irradiação da idéa no Verbo alado,

até a estatuaria, que é a conversão da pedra em carne, a humanisação do barro, o afeiçoamento do bronze á imagem pelo genio do artista a que apenas falta, para que se iguale a Deus, o segredo que Psyché só ao poeta transmitte em versos que amorosamente lhe murmura ao ouvido.

Athenas oppõe-se a Jerusalém. Na cidade syria tudo é tristeza e fala de supplicio em memoria da morte tragica de Jesus; na Acropole, as proprias ruinas conservam o encanto que nellas deixaram os deuses e que os homens souberam perpetuar em hexametros, em estatuas, em métopes, em urnas, legando-nos, não uma religião ephemera, mas a religião immorredoura e olympica do Bello.

Os romanos, além dos numerosos deuses inscriptos nos *Indigitamenta* — (e tinham, nos diz Gaston Boissier, para cada um dos episodios da vida do homem, desde a concepção até a morte e ainda para tudo que provia as suas necessidades mais indispensaveis), adoptaram divindades gregas e outras muitas que os seus soldados traziam das colonias barbaras. Em Roma, encontravam-se homens de todas as raças, deuses de todas as crenças, amuletos e fetiches de todas as superstições.

Parecendo um povo beato, ultra-religioso, o romano não sacrificava o bem estar na terra ás promettidas delicias de uma outra vida, depois da morte. Entre a Lei e os pontos de Fé não havia hesitação.

Com os deuses, pensavam elles, sempre seria possivel um arranjo; os homens, mais severos, esses não perdoariam transgressões. O poder civil era impiedoso e exigia obediencia immediata, comminando com penas severissimas aos que se furtavam ás suas imposições.

Assim, quando foi publicada a lei que prohibia os enterros nas immediações da casa, não houve uma voz de protesto, posto que o uso viesse dos primeiros dias de Roma.

Os deuses prestavam-se ao reclamo dos homens com a mesma promptidão sollicita com que um jornaleiro sahia a lavrar o alfobre, a construir um muro, um criado a fazer o serviço no *tablinum*, um medico a curar, um cytharista ou auletride a alegrar o festim ao som do seu instrumento.

A religião romana era uma transacção da terra com o céu — faltava-lhe a Poesia essencial.

O grande legado da patria dos Feciaes foi a Lei. Queimados os livros sybillinos ficaram o Digesto e as Pandectas, de onde emanou o Di-

reito, a verdadeira, talvez unica, religião romana.

Veiu o Christianismo e nelle refugiaram-se todos os deuses. O desastre do polytheismo teria sido completo se a cruz, que salvou a Humanidade, tamben não salvasse os seus primeiros sonhos.

Foi em volta do madeiro do Golgotha que se juntaram, em homisio, os deuses, como naufragos agarrados a um lenho fluctuante. Em torno delle deambulam os fantasmas das religiões extinctas e o homem, que os sente, ainda hoje, apezar de christão, teme-os, invoca-os, presta-lhes culto á maneira do lenhador romano que, ao entrar na floresta, antes de ferir o tronco, pedia perdão aos deuses desconhecidos.

O Christianimo está cheío de entidades pagans. Não agitemos a cruz, arvore em que se agasalham tantos deuses, deixemol-a no seu monte, de braços abertos, sustentando um Deus, cercado por uma aureola que é o zodiaco dos gregos em torno do qual, em nebulosas, outros deuses mais antigos ainda, por vezes, fulguram.

Que será amanhan? Deixemos o véu intacto na face de Isis...

« Toute expression est une limite et le seul langage qui ne soit pas indigne des choses divines, c'est le silence. ».

Calemo-nos.

A ANTIGA CIDADE

No Instituto Nacional de Musica a 10 de Outubro de 1908

E' doce recordar, e, á medida que a gente vai sentindo escurecer a tarde, mais grato se orna lembrar a manhan longinqua.

O bom Deus previdente não quiz, na sua immensa misericordia, que houvesse sombra completa e accendeu, dentro da noite, a lua candida e as estrellas e deu ao homem, na velhice, a claridade das recordações.

Que seria de nós, nas horas tristes, se não nos fosse dado descer, com a lampada da saudade, á memoria, crypta onde conservamos as reliquias amadas, tomal-as um instante, revel-as, consideral-as : a umas sorrindo, a outras com lagrimas?

O velhinho que cruza comnosco a passo tardo e tremulo parece-nos um passeiante, porque o vemos no parque, buscando a sombra das arvores. Está tão longe d'ali como a nuvem

que paira no céu alto. Buscai ver-lhe os olhos : estão turbados, sem brilho — é que se voltaram para dentro.

O velhinho, em verdade, passeia no tempo « dantes », o seu jardim chama-se outr'ora — lá é que elle distrahe-se e ainda logra alguns momentos felizes.

Não digamos que a saudade é triste: melancolica será, não triste. A's vezes faz-nos sorrir.

Que culpa tem ella de que o coração dos velhos transborde á menor emoção? é uma fiel amiga que nos toma pela mão e faz-nos, de quando em quando, retroceder no caminho andado, mostrando-nos seres e coisas dos quaes pareciamos esquecidos.

Vagarosamente nol-os aponta e rememora :

— Aquella casinha... Ali nasceste. Não tinha rosal tão viçoso á frente, em compensação... eras criança, não precisavas de rosas, bastava-te a propria alegria.

Segue o velhinho vagaroso, abordoado, parando, de instante a instante, para um folego mais largo. Olha em torno o viço das terras, a serenidade do azul.

Eis surge-lhe á frente uma velhinha, tambem curvada e arrimada a um cajado. O coração do velho adivinha e pulsa alvoroçado, accendem-

se-lhe os olhos e elle fita-os na passageira retransida.

Subito a Saudade, como uma fada, toca a velhinha e logo apruma-lhe o corpo, esbate-lhe as rugas, aloura-lhe os cabellos, rosa-lhe as faces, accende-lhe os olhos ceruleos, carmina-lhe os labios, refaz-lhe a graça airosa.

Os dentinhos, que reluzem no sorriso, parecem um mimoso teclado onde resôa a musica da sua voz. E o velhindo treme, marejam-se-lhe os olhos de agua, agitam-se-lhe os labios sem palavras, como azas de passaro exhausto, batendo em vão no esforço de voar.

E' bem ella, a namorada dos dezoito annos, o primeiro amor.

O' saudade bemdita que renovas a vida, que tinges os cabellos brancos, fazes repontar a primavera florida no campo nevado e passas no cineral como um sopro de vida reaccendendo a chamma apagada pelo Tempo...

Vós, que sois moços, que andais airadamente atordoados com a felicidade, não comprehendeis que se viva de reminiscencias. E vós não viveis de sonhos?

O ideal é a projecção do Futuro; a Saudade é a sombra do Passado — e ambos são illusões. O Ideal é inattingivel — foge-nos; a Saudade, essa é fiel, não nos deixa — é o proprio Tempo

que se faz sombra e entra-nos pelo coração. Não penseis que os dias morrem... occaso, nós tambem o temos em nós. Os dias passam por nós, mas deixam ficar o que, mais tarde, ha de confortar-nos a alma.

Ai! de nós se assim não fosse, se tudo perecesse, se não ficasse a lembrança!...

Julga-se o avaro feliz quando, á noite, no silencio da casa, fechada a trancas, abre o cofre e tira os pesados saccos de ouro, despeja-os e põe-se a contar as moedas. E' a fortuna que lhe passa pelas mãos, é o trabalho, é a usura, são ancias, angustias, remorsos.

Tal moeda antiga lembra-lhe a agonia de um desgraçado que a trocou para ter pão com que acudisse á fome dos filhos; tal joia recorda-lhe certa viuva que, em vexame, afflicta, delle se foi valer, chorando.

E o avaro vê sangue, vê lagrimas nas peças de ouro. E' um prazer infernal o que goza em silencio, fazendo tinir os dobrões que rebrilham como chammas, antecipando-se ás infernaes.

Comparai o avaro áquelle velhinho que parece dormitar na varanda, á luz da lua.

Tem os olhos fechados para isolar-se do mundo. Tranca-se em si mesmo e, fazendo com o coração o que o avaro faz com os saccos de ouro, que vê? a vida, toda a vida desde a infancia.

Passam ante elle as aventuras e, como em uma resurreição, lá vêm os mortos queridos e falam-lhe. Elle sente-os a todos e olha-os com enternecimento e lagrimas.

La vão, uns em pós de outros. Outros chegam e são episodios, e são paizagens, e são glorificações, e são extases.

E a Saudade não se fatiga, sempre prompta. E com que zelo, com que cuidado armazena. « Nem me lembrava mais! » suspira, ás vezes, o velhinho. « Ah! não te lembravas? diz-lhe a Saudade, pois lá estava no fundo do teu coração. »

Pasmais, ás vezes, da memoria dos velhos, achando estranho que um ancião de noventa annos refira factos occorridos na verde infancia.

A Saudade cuida da memoria, que é o seu thesouro, e lá vai, quando é preciso, buscar aquillo de que carece.

Bem haja a excellente companheira da vida. Falte-nos tudo e teremos sempre a ventura da recordação, porque a Saudade é como a lampada perenne que se não extingue ante o altar.

A vida é a hora presente? é o momento em que bate o coração, o instante em que se respira? A vida é o passado e nós não fazemos senão... passar.

Se fossemos para o Futuro remoçariamos,

porque o Futuro é mais do que a mocidade, é o porvir; entretanto envelhecemos, e quanto mais avançamos, mais nos sobrecarregamos e só o passado pesa-nos, só o passado prevalece, só o passado subsiste.

Mal entramos no minuto, logo o sentimos sobre nós — é o grão de areia que vem augmentar a montanha.

Recordar é tão doce! Foge-se da realidade instantaneamente, e Aladino, com o prestigio do seu talisman, não se transportava com tanta rapidez no espaço como nós nos transportamos no tempo, lembrando.

Corre-se de uma a outra éra, vencem-se os annos e salta-se do frio da anciania para o calor da mocidade como um passarinho, em vôo lésto e cantando, salta de um ramo a outro.

Que seria a vida sem a Saudade? O homem estaria insulado em um instante, a vida seria um momento, o breve prazo de um hálito : nada antes, a incerteza depois.

Assim, não — somos como um novello que se vai lentamente desenrolando — o fio vem de longe dando, dando, até que...

Tinham razão os Gregos quando explicavam a vida com o mytho das Parcas.

E' tão dôce recordar! E tudo é condão para a Saudade — um ramo a brincar acima de velho

muro, uma folha que se desprende da arvore, uma musica longinqua no silencio...

« Les vrais hommes de progrès, diz Renan, sont ceux qui ont pour point de départ un respect profond du passé. »

Andava por aqui certa velhinha, typo entre bruxa e santa, cuja figura singular era de todos conhecida.

Sempre de preto, mantilha á cabeça sobre as falripas brancas, *mitaines* nas mãos aduncas, rosto encarquilhado, olhos no fundo, o queixo avançando em rostro.

Madrugava á porta das igrejas, de onde só se retirava, e ainda a resmungar orações e a repassar as contas do rosario, depois da ultima missa.

Um dia avistei-a parada diante de um casarão que demoliam.

Os pedreiros bradavam-lhe para que se arredasse, e ella mantinha-se immovel, ás vezes desapparecia em nuvens de poeira.

Mas toda uma parede começou a oscillar e a infeliz teria ficado sob os escombros se eu, atravessando a rua, com risco de vida, não a houvesse retirado á força do sitio perigoso.

Instantes depois, com estrondo, dava-se a quéda da construcção.

A velhinha agarrou-se a meu braço e, em voz assustada, perguntou-me :

— Como é isto, meu filho? Pois então não ha lei? Destroe-se assim toda a minha cidade : as minhas casas, as minhas arvores, os morros, os riachos, as pedreiras e o proprio mar, tudo que Deus me deu? Então é assim? Tenho tentado oppor-me ao crime, ando de dia e de noite a pedir, a implorar, chorando, e os homens passam indifferentes aos meus rogos e vão destruir.

Uma manhan, ainda o sol estava em casa de Nosso Senhor, encontrei um bando de homens com picaretas novas. Perguntei ao mais moço, louro, de olhos muito azues : « Onde ides tão cedo? Que trabalho é esse para que vos chama o canto matinal do gallo? » « Vamos pôr abaixo os morros. » « Porque e para que, filhos de Deus? Que mal vos fez o monte, que é um esforço da terra para chegar ao céu? Não vedes que nas casinhas lá de cima ha todo um mundo agasalhado? Se arrazardes o monte, que será dos pobresinhos que nelle se refugiaram? Não, deixai de pé o pedestal da Caridade. Lá na altura ha um templo em cujo adro avulta, de pedra tosca e muda, o marco da fundação da cidade e em ruellas e calejas ingremes atravancam-se as casas dos humildes. E ali tambem

moram os homens que conversam com as estrellas e os que vigiam os mares assignalando os navios. Se arrazardes o monte, ai! de nós! »
Mas os homens passaram indifferentes e, pouco depois, vi os ferros cravarem-se no flanco do grande morro, e, como apparecesse o barro vermelho, pareceu-me que era o sangue da terra alta que escorria da grande ferida feita pelos homens crueis.

No dia seguinte, cedo, encontrei outra turma da trabalhadores e interroguei um delles : « Onde ides tão cedo, antes da luz do sol? » « Brocar pedreiras, trazer toda a pedra das grandes rochas para a planicie. Somos constructores de palacios. » « Mas se trouxerdes toda a pedra das rochas por onde minará a agua que nos mata a sêde e desaltera os rebanhos e revigora as raizes? Esses relevos, que formam uma robusta muralha em torno da cidade, são agasalho de animaes amigos e peitos apojados onde rebentam nascentes beneficiadoras. Se os derrubardes onde procrearão os ninhos, onde borbulharão as fontes? Não toqueis na pedra. »

Mas os homens passaram e, pouco depois, ouvi um estampido e logo o fragor da queda de um penhasco. Era o começo da destruição.

Outros homens romperam da nevoa da manhan. Dirigi-me a um delles:

« Onde ides tão cedo, mal alumiados pelas estrellas? » E o homem respondeu :

« Vamos cobrir com uma abobada os riachos que correm atravéz da cidade. »

« Que mal fazem os riachos? Não são elles o bebedouro das plantas e dos animaes e o regalo da terra? Se os cobrirdes morrerão de sêde as lavandiscas, as borboletas e os passarinhos que nos trazem recados da floresta e onde poderá encontrar aguas levadias, como as que descem das pedras, attrahida pelo mar, a gente pobre que vive da lavagem? Deixai em paz as aguasinhas inoffensivas que passam cantando á beira do quintal dos humildes. »

Mas os homens não me attenderam e cobriram os corregos com uma tampa igual á dos caixões funereos. Hoje elles derivam escondidos, mal a gente os ouve. Pobresinhos!

Ainda encontrei outro bando e perguntei a um dos homens :

« Onde ides, ainda com a noite negra? »

« Vamos pôr abaixo as velhas casas e levantar palacios. »

« E a pobresa, filho de Deus? onde irá ella abrigar-se? A pobresa tem tambem infancia e mocidade, velhice e enfermos. Ha criancinhas de peito, meninos, donzellas, mãis e velhinhos em grande numero. Trabalham de sol a sol,

mas é tão pouco o que fazem os desgraçados que, se lhes tirardes as casas, ficarão ao tempo. apinhando-se nas escaleiras dos palacios ou disputando aos animaes a sombra do arvoredo. Não, não toqueis nas velhas casas.

Mas os homens não responderam e logo começaram a derruir paredes, a destelhar cumieiras e eu vi uma população esfarrapada sahir tumultuosamente para o sol nublado de poeira, com os trastes miserrimos ás costas.

E o mar? pois não é que tambem foram contra o mar? Que ha de ser de mim, meu senhor? Eu era dona de toda a cidade, vivia tranquilla e feliz e todos eram venturosos em torno de mim. E agora? qual é o pobre que canta? O barulho que se ouve é o estrondo ruinoso das casas que aluem e das pedreiras que estouram e, por baixo da terra, como choram os sem lar, choram os ribeiros encobertos, orphãos do azul do céu e das aves da floresta. Pois não é uma falta de caridade?»

Não era outra senão a Tradição essa velhinha tão amorosamente apegada ás coisas do Passado.

Tambem eu, porque não dizel-o? Tambem eu senti a morte da velha cidade. Quando a destruiam muita vez parei contemplativo ante as

ruinas, vendo abater telhados, esbarrondarem-se muralhas que expunham, em nudez escorchada, os vigamentos apodrecidos do casario colonial.

E o que sahia dos muradaes, além da poeira que se levantava em nuvens demandando o céu, como se fosse a alma das construcções vetustas! — gordos arganazes, correndo tontos pelas sargetas, esgueirando-se nas bocas de lobo ou arremettendo ás soleiras das casas, encadeiados á luz do sol; enxames de baratas, centopeias asquerosas, aranhas, escorpiões, toda a sevandijada que proliféra na sombra humida.

Por vezes uma parede, ainda a prumo, mostrava no papel desbotado recortes que o tempo respeitára, onde os desenhos floreados pareciam recentes — eram os retalhos protegidos contra a luz pelos quadros de scenas ingenuas, pelo relogio que regulava o viver da familia, pelas pesadas almanjarras do antigo mobiliario.

Se, ao bater da picareta, succedia responder um som cavo, os operarios detinham-se, entreolhavam-se com o pensamento nos thesouros a que as lendas alludiam: cofres de dobrões, escrinios de joias, baixellas, imagens de ouro massiço .

E procediam com cautela raspando vagarosamente a argamassa, retirando, um a um,

tijolos e pedras, sem que apparecesse o vão onde esperavam encontrar a riqueza anichada.

Então, com furor bravio e despeitado, encarniçavam-se na destruição e, em pouco, o pardieiro desapparecia e o sol tapeçava o antigo soalho domestico, cujas taboas escalavradas esfarelavam-se de podres.

Um lindo caso de evasão para a luz foi o que se deu na rua da Uruguayana, na parte em que a atravessa a rua do Ouvidor.

Numerosos operarios revolviam-na amontoando a terra em cómoros. Grossos canos de ferro appareciam terrosos, roidos de mugre; outros, de chumbo, estortegavam-se como veias schlerosadas; manilhas de barro escondiam-se á maneira de serpentes hybernando.

A excavação aprofundava-se e a terra começava a dessorar, a filtrar humidade. Os ferros empapavam-se em lodo, esparrimavam-no aos espirros.

Subito, como uma flor liquida, abrolhou um rebento d'agua limpida, borbulhando contente, em geyser. Era a resurreição da lympha que, outr'ora, quando a cidade era ainda um povoado sem ordem, cortado de estradas e veredas, por entre balsas e abafeiras floridas, naquelle sitio derivava em corrego, ao qual,

durante muito tempo, a rua devera o seu nome — da Valla.

Um momento o povo juntou-se a ver a agua jorrar crystallina, brilhando ao sol. Houve quem relembrasse o bom tempo em que ella corria livre á flor da terra, mas os trabalhadores depressa estancaram o veio, soterrando-o para que não corresse empastando em lama a terra solta.

E quantos riachos desappareceram sob abobadas!

As carroçadas de barro, de alvenaria, de destroços que, noite e dia, passavam estrondosamente pelas ruas, caminho das praias, davam idéa do enterro da cidade. Era o corpo da velha *urbs* colonial que lá ia para a sepultura e matando porque os escombros serviam de entulho — lançados á praia iam afastando a onda, alastrando o terreno na zona marinha.

E o mar recuava a rugir. Mas o mar é preguiçoso, precisa das praias para estirar-se e ha de refazer o seu recosto de areias reconquistando o que lhe tomaram.

A quebrança da onda é agora mais forte, sente-se nella a raiva e por baixo dos grammados e dos canteiros dos parques da ribeira, onde outr'ora só havia a verdura das ondas e o alvor das espumas, sente-se um rumor estranho,

como de arietes — é o mar que se insinúa na terra minando-a, solapando-a para reaquistar as praias inclinadas onde, ao luar de antanho, as nereidas trebelhavam desfolhando alvas flores de espumas ou esparzindo prodigamente faúlhas de ardentias.

Mas consóla ver essa terra que encobriu o mar, terra esterilisada em construcções, renascer para a fecundidade, respondendo ás graças do sol e da chuva e ao trato do homem com a herva virente e com a flor de arôma.

Renan fala da lenda da cidade d'Is, que foi engulida pelo mar armoricano, referindo o dizer dos pescadores — « que nos dias de tempestade, no concavo das ondas, vêem as pontas das flechas das igrejas e nos dias de bonança ouvem subir do abysmo o som dos sinos modulando o hymno do dia ».

Eu, que conheci esta cidade no tempo antigo tenho, por vezes, em horas de saudade, recordações commovedoras. Vejo a vida e ouço os ruidos de outr'ora e posso dizer, parodiando as palavras do apostolo de Treguier : « Parece-me, ás vezes, que conservo viva no coração a antiga cidade, onde brinquei na infancia, onde gozei a adolescencia e tive os primeiros encantos da mocidade — jardim das minhas illusões, oriente das minhas esperanças. Sinto-a em mim.

Não raro quédo a ouvir vozes, prégões, surdinas de musicas longinquas. Passam ante meus olhos siluetas vagas — são as visões do Passado, sombras do que foi e que não volta. E, com a velhice que chega, no crepusculo da vida, é grato recordar, voltar os olhos para o caminho percorrido.... do qual restam apenas vestigios na minha saudade.

Tinha a belleza de Cendrillon.

Ainda a vi Borralheira, esfarrapada e descalça, as mãosinhas tisnadas e, nas faces, encobrindo as rosas, manchas de carvão.

Certo ella ainda hoje ha de lembrar-se dos castellos que fazia nesse tempo, diante do lume, sonhando, talvez, não com o principe (muito ao envez disso) com o cavalleiro airoso que a devia furtar á vida desleixada.

Uma noite — a linda noite que foi! — levaram-n-a a um baile em uma ilha tão fulgurante de luzes, que o mar, em torno, parecia de ouro liquido. Os barcos relumbravam na sombra e faixas de claridade varriam luminosamente as aguas.

Esse baile! Quem lhe não conhece o final? Eu lá estive e vi Cendrillon sahir pelo braço do cavalleiro do seu sonho..

Mas falemos da cidade.

A minha casa, casa de pobre, era na rua do Costa. Tinha quintal e agua dentro e isso era luxo naquelle tempo.

Meu quarto, á frente, respirava por uma janella de persianas que me punha em communicação com a rua, por onde passava um bondinho ronceiro, de um burro só, que subia para a rua da America.

Depois do dobre do Aragão, além do guarda urbano, raro em raro passava um transeunte retardatario e a calçada resoava no silencio como o lageado sonóro e retumbante de um claustro. Da madrugada, ainda escuro, a rua atroava com o matraquear dos tamancos dos operarios do Arsenal — era um instante de rumor na tranquillidade, mas o quiete restabelecia-se e o somno interrompido volvia ás palpebras e ainda dormia-se uma bôa hora.

Mas começava o tintinabulo das vaccas, os leiteiros paravam aqui, ali e, para chamarem os freguezes, sacudindo a colleira dos animaes, faziam chocalhar as campainhas e era uma matinada á qual frequentemente, para maior estrondo, as vaccas juntavam os seus mugidos.

Era a manhan.

O sol luzia, de ouro, e sempre havia uma poça onde a sua luz brilhava e um monte de l ixo que elle cobria de esplendor.

Rodavam, aos trancos, as enormes carroças d'agua em pipas e, quasi ao mesmo tempo, chegavam á porta o padeiro com o cesto (e como era bom o cheiro morno do pão fresco a espalhar-se na casa apetitosamente), o moço do açougue com a carne, o caixeiro da venda com o feixe de lenha e o homem do cisco sorumbatico, nauseabundo, que entrava a correr sem levantar os olhos, ia ao quintal, enchia a cesta e sahia ligeiro, como vexado do seu officio.

A quitandeira mina, com o filho enganchado á cinta, parava á porta, offerecendo verdura e frutas; o chim trotava apregoando peixe, e era « o compadre » de toda a gente.

Cães amatilhados subiam e desciam a rua rosnando, ganindo; de repente engalfinhavam-se e eram lutas tremendas até que o mais fraco abandonava o campo cainhando, e vaiado pelo ladrar da malta que assim lisonjeava covardemente o mais forte. E, um a um, appareciam os typos costumeiros — a doceira esganiçando louvores ao « arroz de leite » ás cocadinhas; os negros do ganho, latagões robustos, a cara retalhada em lanhos, cesta ás costas, camisolão sobre as calças de zuarte, carapuça de baeta; bufarinheiras minas com cestinhas muito arrebicadas ou enormes conchas de páo cheias de missangas, figas de Guiné, sabão preto, capim

mimoso, gengibre, contas de leite, favas de cheiro, anneis de lagarto, dentes de feras e de insectos, lagrimas de Nossa Senhora; e a preta da fressura com o sangrento taboleiro onde se empilhavam corações e bofes, figados e tripas, todo o deventre das rezes. Por fim a tia do angú.

Era uma negra alta e airosa, ainda moça, risonha, talvez para mostrar os dentes alvos, sempre arreiada de coraes e ouros.

Caminhava em passo vagaroso e languido, rebolindo os quadris carnudos; braços nús, pés em chinellas de bico, trunfa á cabeça, o panno da Costa atravessando o busto de modo a deixar apparecer o cabção de crivo da camisa e a pelle fina e lustrosa das costas retintas.

Seguia-a lerdo, com o taboleiro de angú, o negro escravo, macilento, fuveiro, cambaio de um pé, misero rebutalho de vallongo, reles como cavallo de tilbury nocturno.

O caixeiro começava a sua faina de casa em casa. Entrava até á cozinha bisbilhotando, coscovilhando. Conversava com a criadagem, escrava ou fôrra, dava trélla á senhora pondo-a ao corrente da vida do quarteirão e, emquanto despejava o que sabia, ia observando, como o Asmodeu de Le Sage, e por vel-as á vontade quando sahiam do quarto, no desalinho matinal, podia dizer do assedado dos cabellos de Sinhá,

da alvura dos braços de Nenê, dos postiços da matrona e, mais indiscretamente, dos ciumes domesticos que começavam em arrufos no casal e sempre findavam na surra em que se estorcia a mucama zabaneira.

Não se fazia cerimonia com o caixeiro.

Era a hora em que começava nos collegios publicos, onde estalava a palmatoria, a cantoria numerica da taboada.

Passavam beatas da missa. O carteiro, fazia zig-zagues duma para outra calçada, falando a todos com intimidade.

De certas casas evolavam ondas de fumo tresandando a hervas seccas ou cheirando a arómatas; de algumas soleiras escorriam lençóes d'agua sobre a calçada.

E á porta da venda, repimpado num caixote ou esmagando um sacco de feijão ao peso do corpo nédio, o taverneiro, em mangas de camisa, lia o *Jornal do Commercio* e as cozinheiras, com as compras, levavam para as casas as noticias da vespera e narravam-nas estarrecidas.

Um assassinio alarmava a cidade e tornava-se, durante dias. o assumpto das palestras. Terminada a leitura o taverneiro entregava o jornal ao caixeiro para que o levasse ao freguez mais importante e, até á noite, a folha andava

de casa em casa, lida, relida, informando sobre a politica, sobre o preço dos generos e das fazendas, sobre os casos das ruas, e fazendo sorrir e chorar com os episodios do folhetim, sempre suspenso no ponto mais interessante.

Nesse tempo um vintem era moeda. Com elle comprava-se um pão, um pé de moleque ou uma cocada, duas bananas, uma laranja, contentava-se um pobre, ou attendia-se ao « irmão » que ás segundas pedia para « a missa das almas » e ás quintas para o Santissimo. O collegial, se fumava, tinha por um vintem quatro cigarros chamados « fuzileiros » ou um charuto « quebra-queixo ».

A' sahida do collegio já se encontrava o preto das empadinhas, o moleque da puxa-puxa e o da canninha dôce baquetando na lata ou no taboleiro.

Ainda havia a gondola para Botafogo e circulavam os « bonds », que valiam 200 réis.

Carros, poucos e só appareciam em casamentos, baptizados e enterros e as tranquitanas particulares não primavam pela elegancia.

Hoteis de fama — o *Mangini*, o *Ravot*, o *Frères Provençaux*. Freges, a cada canto.

Lembro-me ainda, vagamente, do vasto chão em matto, que era o Campo de Sant'Anna, onde avultava a ruinaria do Provisorio.

Havia lixo ás pilhas e carniça fétida.

A' noite, ninguem ousava atravessal-o. Ladrões e capoeiras dominavam-no; os assaltos eram frequentes e os urbanos, se ouviam gritos na escuridão, faziam-se surdos, não se atrevendo a metter-se com os valentes que assenhoreavam o deserto.

Pobres *morcegos*! muito soffriam, vingando-se nos pobres que lhes cahiam nas mãos.

Nas ruas do Senhor dos Passos, Sabão, Alfandega e S. Pedro, na parte mais proxima do Campo, as casas de rotulas tresandavam como aringas.

Eram habitadas por negros que as dividiam em compartimentos separados por uma cortina.

Lá dentro fervia o « quimbande », dava-se fortuna, faziam-se philtros e despachos e nas vesperas das festas batucava-se freneticamente ao som de atabales, ao tinir de pratos de louça repinicados pelas mulatas que se esguelavam em guinchos histericos saracoteando lascivamente. Ainda encontrei a fama sinistra do Juca Rosa e lembro-me de um negralhão petulante, que vestia de branco e passava sempre por entre negros zumbridos, como um rei, cuja mão muita vez eu vi beijada por mocinhas louras e crianças que as mãis levantavam para receberem a benção do feiticeiro.

Quanta vez, ao sahir do collegio, que era na rua do Hospicio, parei maravilhado para ver o grande relogio da *Pendula Fluminense* que enchia um carro, tirado por cavallos brancos. Ou então era um dentista americano a cavallo, arrancando arnellas com o cabo do chicote, a offerecer dentifricios e odontalgicos; ou um intrujão enaltecendo, em arenga araviada, um sabonete contra nódoas, um sacca-rolhas, um elixir, pilulas contra enxaquecas ou simplesmente um realejo que pianolava e em torno do qual, preso pela cinta, um macaco, de saiote ou vestido a mosqueteiro, pinchava, saltava arcos, virava cabriolas, ás caramunhas para o povo que lhe fazia roda.

E o Imperador? Estridentes clarins vibravam alvoroçando a rua e lá surgiam os batedores precedendo a pesada berlinda ou a « estufa » onde o monarcha, umas vezes, verdadeiramente majestoso, com a immensa barba fluvial a branquear-lhe o peito recamado de ouro, ou burguezmente envergando uma sobrecasaca, a cochilar, passava seguido dum esquadrão a galope, a espada nua lampejando ao sol; ou, nos dias de gala, com os moços de sóta e de taboa, os camaristas em carros do Paço e uma vistosa guarda de lanceiros agitando flamulas.

Mas o maior todos de os meus encantos — que saudade! — era o passeio de palhaço. Lá vinha elle de pé sobre o lombo de um cavallo sarapintado, ás gingas e ás gaifonas, desconjuntando-se aos rebolcios, e a molecada em torno.

A moça é bonita?

E logo, em côro, os moleques :

E' sim, sinhô!

Abriam-se, d'estalo, todas as janellas e era uma curiosa exposição de cabeças — desde a da trunfa até a de retorcidos papellotes, desde as longas tranças até a gaforinha arrepellada, lustrosa e tresandando a ranço.

E quantos olhos lindos enlevados naquelle espectaculo de mômo! Quanto coraçãosinho a pulsar de desejo, desejo innocente de ir, á noite ao circo ver as cabriolas dos acrobatas, o arrojo dos volantins, a destreza dos cães, o palhaço preto cantando ao violão modinhas brejeiras. Por fim, a pantomima, com muita « bexiga », ao estrondo da gargalhada que fazia estremecer o toldo de lona onde se viam as sombras dos que, lá dentro, applaudiam as sortes arriscadas, rebolcando-se de gaudio ás gatimonhas do « Pai João ».

A' entrada do circo estendiam-se em duas alas os doceirs, com as lanternas de vidro

sobre os taboleiros, apregoando regueifas e bolos de côco, cangiquinha e rolos de tapioca, manaués, pasteis, balas de ovo, quindins, bons bocados e queijadinhas.

Em fogareiros de ferro estralejavam espigas de milho. E ainda havia o caldo de canna — quentinho; alguidares de tremoços, amendoim torrado, pipocas e dunas de gingelim.

A ultima « cavalhada » no Campo de Sant Anna, em frente ao Quartel, foi a que eu assisti e, até hoje, não me lembro de emoção igual á que tive nessa tarde vendo entrar na liça a gente galharda, dividida em dous partidos — mouros e christãos,cujos cavallos caracolavam, cabeiavam sob jaezes vistosos.

O sol ardia e a poeira, subindo da arena, punha no ar uma néova de ouro.

A chirinola esbofava-se no coreto com um clangor de metaes e muito estouro de bombo, sarrafaçando chulas reboladas, e os guerreiros, pimponeando na sella, com o albornoz ao vento ou aprumados na couraça de lata, que scintillava ao sol, conversavam emquanto o rei d'armas, um barbaças muito enfunado, dava ordens rapidas, despachando mensageiros que se cruzavam em idas e vindas, com recados a um e outro partido.

Eram as negociações preliminares : o christão

generoso intimando o mouro a render-se á cruz, o infiel contumaz respondendo com insolencia altiva.

Os cavallos remordiam o freio, relinchavam, escarvando a terra, sofregos, e o povo, impaciente, exigia o começo da funcção heroica.

Sahiram arautos, troaram buzinas e houve um desafogado respirar na turba. Largaram-se os animaes á redea baixa e os guerreiros affrontaram-se com estrepitoso arranque.

Ao primeiro choque as cannas voaram em estilhas e logo lampejaram as espadas, entrechocando-se, estourando nos broqueis e adargas. Antes, porem, que houvesse tempo de admirar-se a esgrima de taes próceres, já as pistolas tiroteavam, envolvendo em fumo tanto a mes nada christan como a algára muslim, briosa e destemida nos seus alfarazes árdegos.

Era uma balburbia heroi-comica de prélio e troça. A' grita de guerra dos combatentes respondia o babaréo do povo vaiando o cavalleiro desarçonado ou, ás cascalhadas, recommendando a um tal que se agarrasse ao santantonio para não afocinhar, tanto se desmantellava na sella ás úpas do corcel.

E ali tive ante os olhos o que o poeta descreve nos *Doze de Inglaterra* :

« Correndo algum cavallo vai sem dono,

E noutra parte o dono sem cavallo... »

Nas manhans dos sabbados a minha casa rescendia como se, por milagre de um dos santos do oratorio, sempre alumiado, a mirrada roseira do quintal que, de vez em quando, abrolhava uma rosa, mais débil do que a de Malherbe, houvesse mudado todo o seu aggressivo espinhal e toda a sua folhagem em flores dando, num só dia, a reserva de perfume de todo o anno.

O bom cheiro não vinha do esmarrido arbusto, mas da roupa lavada nos corregos, corada nos hervaes da Quinta Imperial, que a lavadeira ia contando peça a peça.

Tinham fama as lavadeiras da Quinta porque, além de caprichosas no alvejo do linho, tão cheiroso o traziam que a gente, á noite, rolando voluptuosamente nos lençóes macios, dormia como em campo de flores, sentindo o perfume agreste que o leito branco e os travesseiros exhalavam.

E os tropeiros, hoje tão raros!

Desde a meia noite, a espaços, ouvia-se o tinir das campainhas das récuas descendo para o Mercado com os ceirões de frutas e de legumes, capoeiras de gallinhas, saccos de carvão, e, até sol nado, continuava o desfile com o

matuto á frente, banzando ao chouto da mula viajeira.

A's vezes, no silencio tórpido do meio dia, quebrando a quietação da rua que parecia adormecida ao sol, um som rouco regougava soturno — era a bozina do peixeiro da Tijuca.

Lá vinha elle a passo, ladeando a bestinha em cujos flancos sacolejavam os cestos onde o peixe, entre humidas folhagens, parecia vivo. A quando e quando abocava o chifre que trazia a tiracollo e soprava o reclamo.

Dos arrabaldes — Tijuca, Andarahy, Trapicheiros, Engenho Novo desciam carroças acoguladas de frutas : laranjas, tangerinas, melancias, limões, tambem verdura tenra e, sobre as pilhas de couves e de alface, cestas de ovos, ramos de flores.

A cidade vivia farta e gastava pouco. Uma casa de 50$ agasalhava uma familia e com 20$ ia-se á Praia do Peixe, enchia-se um cesto de compras e podia-se convidar Lucullo.

Não sei como vivia a nobreza de Laranjeiras e Botafogo; a gente do meu bairro modesto, ainda que não frequentasse o Cassino e o Lyrico, dançava em casa, aos roncos do ophcleide ou ao marimbar do piano ou nos bailes dos amigos e, além dos " cavallinhos " e dos theatrinhos de amadores, uma ou outra vez — e era uma

festa gozada e relembrada durante mezes — ia ao S. Pedro, ao São Luiz, ao Gymnasio ou ao Vaudeville, que era na rua de S. Jorge. Essa gente, repito, seria ingrata se não rezasse aos seus santos domesticos, se não fosse á missa agradecer ao Senhor as grandes mercês, e se ainda, por amor de Deus, não attendesse ao pobre que alrotava á porta recebendo, de boa feição, o vintem de esmola, o mendrugo com um naco de carne, um chapéu velho e até o " Deus o favoreça, irmão " bradado lá de dentro, atravéz do trepidante rumor da machina de costura.

O lar era tranquillo e os costumes simples. O pai de familias sahia cedo, almoçado e lá ia ao trabalho, contente de si e dos seus; o pequeno enfiava a tiracollo o sacco dos livros e punha-se a caminho do collegio.

Ainda nesse tempo os filhos tomavam a benção aos pais beijando-lhes respeitosamente a mão. Ingenua idade! A casa tornava-se um gynecêu e cada senhora ou donzella cuidava do seu mister — esta a dirigir o serviço, essa a costurar á machina, a bordar ou a serzir a roupa, aquella a fazer doces, tudo ao som de cantigas apaixonadas.

Por vezes um romance amenizava as horas e corriam lagrimas compadecidas sobre o soffri-

mento de « Flor de Maria » ou pasmava-se da riqueza do Conde de Monte Christo.

Aqui, ali doremifasolava um piano.

As beatas tinham os seus dias devotos e desciam do Castello ou de S. Bento consoladas, dizendo enlevadamente as doçuras da religião.

Pelas ruas eram pobres expondo mazellas, cégos remoinhando realejos, trios e quartetos de crianças italianas, muito escanifradas e besuntonas, zangarreando harpas, rascando guinchos irritantes em violinos hispidos, a acompanharem uma canção napolitana ganida por uma pequenota.

Ainda cruzei nas ruas com a « cadeirinha », o gracioso vehiculo dos tempos galantes. Ai! della... descêra á ambulancia de enfermos.

Os mais pobres eram conduzidos em redes. Lembro-me de haver visto passar uma dellas levada por dois negros, que acertavam o andar em rythmo sereno; ainda assim o ferido, a esvair-se, ia deixando um rastro de sangue na calçada e, por vezes, gemia lancinantemente.

A' tarde subiam no ar o arôma da Agua Florida e o cheiro rançoso do oleo de Oriza, as matronas vestiam casacos brancos com entremeios e rendas, trepidantes de gomma, os maridos galeavam em costumes de brim ou, descerimoniosamente, debruçavam-se á janella em

mangas de camisa fumando, conversando com os visinhos.

Como se jantava ás 4 horas, ás 5 começavam a apparecer os elegantes, muito casquilhos, de calças de boca de sino, *croisés* compridos, cartola lustrosa, um tanto descahida á banda, uma ponta de lenço a fugir do bolsinho.

As mocinhas, sem os papelótes, cabellos em cachos tomavam attitudes á janella.

Estavam em moda as anquinhas, o *puff*, o coque e ainda, raro em raro, apparecia uma mulher tufada a pavonear-se na roda do balão, como um alparluz que o vento fosse levando de rasto.

Era a hora idyllica, quando, no dizer do tempo, "a gente escorregava no azeite das calçadas".

Elle á esquina, ella á janella esmagando o collo. E eram acenos de mãos, lenços que se agitavam, olhares incendidos, beijos atirados nas pontas dos dedos.

O moleque, a mucama, o caixeiro da venda concorreram para muito casamento e, ai! dellas, para muito passo em falso de que hoje, talvez, ainda se arrependam as miseras que o deram.

Como as lojas das ruas do Ouvidor e dos Ourives e as do largo do Rocio conservavam-se

abertas á noite, até ás 10 horas, com a gambiarra exterior do mostruario accesa, a gente simples, sem tafularia, com pouco mais do que vestia em casa, logo ao escurecer, sahia em bandos, desde a matrona, em cabello ou com um leve toucado, um chale por cima do casaco branco, a menina, muito faceira, com tregeitos dengosos, os pequenos rezingando, embezerrando diante dos armarinhos e das casas de brinquedos, até as mucamas.

Seguiam devagar, relanceando olhares a tudo, fazendo paradas, aqui, ali, apinhando-se ante as taboletas dos ourives para admirar as joias fulgurantes, junto ás vitrinas das lojas de modas para ver os manequins em que se enformavam os vestidos de baile; olhando os chapeus, as bonecas dos cabelleireiros que gyravam mostrando os penteados, e, aqui, alem as perfumarias, as fazendas em voga até um automato em exposição, formoso pastor suisso, de cera, tamanho natural, sentado numa pedra musgosa, com ovelhas aos pés, a virar, a revirar a cabeça, levando a frauta á boca de onde tirava uns sons bucolicos que faziam a multidão sorrir enternecida.

O passeio prolongava-se, quasi sempre até o Carceler, posto que as mamãns, receiosas de encontros com imperiaes marinheiros e embar-

cadiços, gente provocante e sanguinaria, só a muito custo cedessem ás instancias das moças. Mas o sorvete que se chuchurreava na confeitaria famosa pagava a audacia.

Outros grupos iam ao largo do Rocio tomar um refresco entre as arvores, ouvindo os allemães, ou simplesmente ver as joias nos ourives.

A praça, no lado da rua do Espirito Santo, era considerada impura com aquellas mulheres esgargaladas, algaraviando, cantarolando á janella ou lá dentro, a portas abertas, de pernas cruzadas, para que lh'as vissem, os pés em sandalias de velludo, em attitude languida junto a um pequeno balcão onde expunham, a titulo de commercio, cigarros e charutos, acenando de cabeça aos homens para o reposteiro de cretonne, arrepanhado de modo o deixar bem á vista o leito em ostentação de cynica luxuria.

Quando não tinha visitas ou não sahia a fazel-as nas immediações, a familia empregava agradavelmente as horas da noite em conversa intima, sobre assumptos domesticos; os homens ás vezes, jogando o sólo ou a manilha, as senhoras fazendo serão, ouvindo casos ou romances, lidos em tom plangente por uma das filhas; e a criançada, em volta da velha preta, escutando historias maravilhosas entremeiadas de trovas tristes.

Um após outro passavam na rua, apregoando, o negro do « caldo de canna, quentinho! » a tia da cangica, o moleque das pipócas e do amendoim torrado.

A's nove era servido o chá e ás dez as badaladas graves do Aragão como que espalhavam uma benção geral sobre a cidade... E fechava-se a venda. A rua cahia em silencio. O urbano ia e vinha, pausado. De quando em quando passava um grupo.

Nas noites de luar eram infalliveis as serenatas : flauta, ophicleide, violão, cavaquinho e um cantor.

Pé ante pé, descalça, arrepanhando a camisola ao collo, a donzella deixava o leito e, entreabrindo sorrateiramente a janella, ia impregnarse de romantismo, gozando aquelles sons, tomando a si as palavras do trovador, que se queixava da ingratidão de « um coração de gelo. »

Trepe trepe, lá ia tambem a mucama. Os velhos, na cama, ficavam á escuta, todos, emfim, sob o prestigio daquelle canto abemolado na distancia, devaneiavam docemente.

Outra vezes, porém, era o alarma apavorante — os sinos dobravam a rebate e era um bulicio sobresaltado em casa e na rua.

Fogo! Onde seria? Abriam-se as janellas e

zoava um vozear de colmeia assustada, gente de nariz ao ar procurando no céu o laivo purpureo das chammas.

As nuvens encardiam-se, aclaravam-se, e todos a orientarem-se. Era perto, bem perto. Rolos de fumo negro subiam aos golfos, faiscas scintillavam esparrimando-se. Poviléu a correr aos magotes.

De repente um refluxo espavorido de curiosos e um estridor de ferro velho, estropeada de multidão — era a bomba do arsenal tirada a pulso pelos menores que, apegados, em penca, a um cabo, arrancavam o apparelho em desabrida disparada, aos trancos. Outra logo surgia atravéz da grita do populacho amotinado, ao clarão de archotes lugubres — era a « *crioula* » celebre nas chronicas do tempo.

O medo de ser apanhado para dar á bomba fazia o povo debandar e diante do edificio envolto em chammas as " machinas " estacavam, estendiam-se as mangueiras e começava o vaivem, a braços, por turmas que se revesavam.

A's vezes (é vezo antigo) a agua estancava e os bombeiros ficavam inertes, rubros ao clarão do incendio, como corados dos pés á cabeça, vendo ruir o edificio, impotentes diante das labaredas que lambiam os predios lateraes e das

fagulhas que saltavam, em crepitante enxame, sobre as casas fronteiras.

E eram destroços de cacaréos na rua, em montes que atravancavam a passagem e as victimas da catrastrophe, em menores, chorando, lamentando a perda dos seus haveres. E tragico, sem descontinuar, o sino redobrava como em calamidade publica. Era sinistro! Aos sabbados, dia consagrado a Hymeneu, se, á tardinha, atroava rodar de carros, era uma correria para a janella. Casamento!

Quando havia uma de taes cerimonias na vizinhança toda a rua alvoroçava-se. O caixeiro da venda dava informações minuciosas de tudo — desde o peru' que engordava no gallinheiro, até o numero de camisas do enxoval da noiva, em que todas as senhoras trabalhavam dia e noite.

Os que não recebiam convite para a festa, recalcando o despeito, combinavam-se, em tom de troça, para espiar de fóra : « Sempre queriam ver aquillo! » E juntavam-se na calçada, enchiam a rua no ponto fronteiro á casa. O cocheiro do bondinho apitava desesperadamente, levando o carro á meia trava por entre o povaréu.

A casa aberta, com cortinas bordadas, jarros de flores, pannos de crochet nas cadeiras, cheia a deitar fóra, resplandecia á luz de muitos lam-

piões de kerozene, uns proprios, outros emprestados como parte da louça, dos crystaes, dos talheres e cadeiras que os vizinhos, durante o dia, haviam mandado.

Os noivos, sentados no sofá, muito juntos, mantinham-se em attitude rigida de figuras de cêra — ella, com o bouquet ao collo, o véu apanhado á frente; elle com as abas da sobrecasaca dobradas sobre as coxas, pastinhas lambidas, bigodes muito encalamistrados, a contrahir, a arreganhar os dedos, incommodado com o arrocho das luvas.

Cruzavam-se galanteios, pilherias provocavam risotas.

De quando em quando uma das moças apresentava á noiva um botão de flor de laranjeira que ella mordia machinalmente.

O ophicleide cocoricava, a flauta respondia em trillo. Estalavam palmas e o mestre sala, azafamado, ordenava : « Tirem pares! »

Era uma balburdia — todos de pé na sala acanhada, as damas sorrindo ao braço dos cavalheiros muito attenciosos, relanceando olhares ufanos para a rua onde o povo era denso e rosnava commentarios.

A musica atacava com estrondo e duas filas avançavam rastejando passos ao berro de « En avant! »

E o mestre sala, enthusiasmando-se, desmantelava-se, a improvisar marcas em francez mascavo, complicando os passes, aos pinchos no remoinho de onde subia um cheiro de agua da Colonia e camphora, da barata e de fazendas novas.

Não raro, por uma futilidade — coisa de um calo pisado, de um esbarro propositado ou involuntario — levantava-se uma discussão na rua. Palavra daqui, palavra dali, um nome crespo escandalizando as senhoras e dous adversarios frente a frente, chapéu á nuca, olhos meio de esguelha.

Subito esbarravam-se. O povo abria — um salto, um raspão na terra : era o rolo. Os « cabras » eram direitos, valiam-se. E era vel-os aos pulos, rastejando agachados na ligeireza da bahiana, ageis no rabo de raia, destros na « cocáda » até que, enfurecidos, sacavam as navalhas.

Espraiava-se a debandada espavorida.

A casa fechava-se na confusão dos faniquitos das mulheres e do protesto dos homens. Apitavam, fartavam-se de apitar, até que os urbanos appareciam em magote, tambem apitando, já de fação em punho, espaldeirando a torto e a direito.

Os capoeiras ficavam isolados, gingando, com as *sardinhas* empalmadas e os morcegos,

sempre bufando nos apitos, saracoteavam, sem animo de avançar, porque os heróes, solidarios na defesa, acomadrados por espirito de malta, faziam lettras mostrando o « aço », que alumiava. Subito, em dous saltos espernegados, punham-se a salvo e, de longe, vaiavam os « trouxas » aos berros, desafiando-os.

Reabriam-se as janellas. Um momento cabeças espreitavam, mas o ophicleide requebrava uma polka e o baile recomeçava em forrobodó desnalgado até á hora da ceia.

Os noivos abriam a marcha, de braço, e á mesa opipara, onde reluzia o leitão luzidio, incrustado de azeitonas e de rodellas de limão, e o peru' avultava ao lado de uma travessa de tostado arroz de forno, entre pratarrazes e compoteiras, pyramides de fios de ovos e o pão de lo symbolico, com dous calungas noivando sob uma rotunda de assucar, um orador, taça em punho, falava no silencio attencioso e commovido, fazendo votos pela felicidade do joven casal, a quem desejava uma vida de venturas, como a de Abrahão e Sara, no Paraiso.

Os pais choramigavam, as moças cochichavam malicias, quebravam-se taças, urrahs! atroavam. Mas um preludio de flauta desfazia o commenso, e a voz do mestre sala estrugia reclamando os pares.

No ar escuro, acima dos telhados, com um chirrio lugubre, a coruja passava em vôo mysterioso. Quanta mocinha insomne a devanear á meia luz da lamparina vacillante, ouvindo os amortecidos sons do baile, a pensar no seu dia ainda tão longe, na esperança.

«— Melange de damas e mussiús ! » bradava o mestre sala afobado, suando em bicas e o revoluteio augmentava por entre gargalhadas.

Na sala de jantar succediam-se os brindes, ás vezes cantados, ao tinir de copos e garrafas. E as moças, vendo vasio o sofá dos noivos, riam á socapa, segredavam-se atacando-se a cotoveladas e beliscões, em estúos eróticos, remordendo os labios.

As vesperas do Anno Novo, Santo Antonio, S. João, S. Pedro, Conceição, Natal e o sabbado d'Alleluia eram dias tremendos para o poleiro e para a pocilga. Perús, gallinhas, patos, leitões, cevados pereciam, não em oblata aos santos, consumindo-se, ao lume sagrado, no altar dos holocaustos, mas para regalo epicurista do homem, sendo levados a assar no forno das padarias ou refogando-se nas caçarolas domes ticas.

O sangue corria a jorros nos alguidares para o molho pardo, para o sarrabulho, e para o

chouriço; o caixão do lixo enchia-se de pennas e de coscorões cerdosos e na casa mais pobre sempre um frangão esperneava batendo as azas ou o coincho agoniado de um bácoro annunciava pitança.

Nos tachos borbulhava a calda, onde as doceiras despejavam o côco ralado, frutas ou esfiavam gemmas que se enrolavam em novellos de fios de ovos.

A vigilia de S. Sylvestre era alegre e opipara. Em muitas casas improvisavam-se « partidas » para esperar o Anno Novo, e, ao bater da meia noite, estrondava o hymno nacional no piano ou os musicos, em sopros tempestuosos, faziam sahir dos instrumentos dobrados heroicos.

Foguetes esfusiavam, bombas explodiam, charangas atroavam as ruas.

A' mesa da ceia a conversa era ruidosa e alviçareira : recapitulava-se o passado, faziam-se projectos.

« Vá com Deus e não deixa saudades! » diziam velhotas, queixosas do anno findo, que lhes repicara as carnes com as agulhas do rheumatismo; outras, como as fadas que amerceavam principes recem-nascidos, faziam vaticinios augurando venturas a este ou áquella.

E, ao dealbar, o chefe da casa, grave, como em cerimonia religiosa, bebia um trago de vinho

á saude da sua gente e dos amigos. Levantavam se todos, dando graças a Deus.

Um sino bimbalhava, logo outro em repique, o céu alourava-se, passarinhos espanejavam-se nos velhos muros, onde brilhava, de repente, um raio de sol, primicia da luz nova accesa no céu para alegria, belleza e fortuna da terra.

Ainda com sacrificio havia toda a gente de estrear um trajo no dia de Anno Bom : um costume, fosse embora de brim ; um vestido, mesmo de chita, uma simples saia de riscado.

O pobre remendava os molambos, lavava-os, estendia-os, a corar, sobre o perfume das hervas campestres e vestia-os contente, como se os recebesse de Deus, bordados a ouro de sol e á prata de lua.

Que sonóra e jocunda manhan! Todos os sinos em vira-voltas nas torres, cabriolando em repiques, todas as almas reviçadas de esperança.

Desde cedo moleques pernosticos e mucamas faceiras, velhas negras achichellando os passos e tios perrengues cruzavam-se com bandejas nas quaes, sob panninhos de crivo, enfeitados de flôres, entreviam-se bolos, *puddings*, compoteiras, frutas.

Negros do ganho passavam a trote arquejado vergando ao peso de grandes cestos acogulados ou levando perús, leitões, caixas de vinho,

ságuates destinados ao medico ou a amigos importantes.

Era um grande dia, o dia da esperança. E, como o que se fazia a 1 de Janeiro fazia-se no anno inteiro evitavam-se rusgas, aborrecimentos, relevavam-se as travessuras das crianças e as faltas dos escravos e criados e os enfermos, ainda que lhes custasse, arrastavam-se até á sala ou sentavam-se na cama, entre almofadas, com um sorriso triste no rosto macilento e pallido.

Outra festa — o Carnaval.

Sem desfazer no presente estou em affirmar que o Carnaval de outr'ora era mais bello e até mais enthusiastico do que o de hoje, apezar do luxo que ostenta e das avenidas que o emmolduram. Dois mezes antes começava nas lojas a exposição de mascaras e fantasias, predominando a carantonha e a ganga vermelha e rabuda dos diabos, o mascarão dos velhos, caveiras, cabeças de animaes, caraças tatuadas de indios, doairos de furias, faces engelhadas de corumbas, rostos bochechudos de crianças choramingas, negros de beiçaria esborcinada e sanguinea, caras mongolicas de olhos obliquos e longos bigodes escorridos.

Nas vesperas apressava-se a construcção dos coretos, dos obeliscos, dos arcos triumphaes que ornavam as ruas do centro.

Eram pilhas de taboas, costaneiras e sarrafos, metim e belbutina em barda, arandellas e calungas de pasta e o martello a bater, a serra a serrar, a brocha a broslar allegorias, paineis mythologicos, onde Venus apparecia obesa, côr de óca, com as pernas mais tortas do que as do marido. E silenos, pandos e delambidos, côr de tomate, escarranchados em pipas, sob folhagens, caramunhavam em ricto de muafa, muito bisborrias. Siluetas, com pretenção a caricaturas, enchiam allusões que passariam despercebidas se as não illuminasse a legenda traçada na orthographia que os cinematographos perpetuam.

No sabbado, á noitinha, sahiam os zéspereiras, zabumbando estrepidantemente. Eram homens robustos e anafados, em mangas de camisa, o ventre a resaltar, suando, ás macetadas ao bombo, ás baquetadas ás caixas.

O roncante porta-voz de lata, pintado, ás listas ou ás aduellas, com as côres das sociedades, buzinava e engrossava o vozerio, como a mascara tragica no theatro antigo.

As badernas succediam-se, qual mais ruidosa, num furor de rebentar soalhas, de estourar pulmões.

A's cinco da manhan já havia diabos na rua, e ás oito, a cidade ficava coagulada de grandes

manchas vermelhas que se esparrimavam em monstros horrificos, como se o inferno truculento houvesse irrompido na terra, avassalando-a com as suas legiões de carrancas espantosas, algumas vomitando basiliscos, com os retorcidos chifres emmaranhados de serpentes.

E tudo aquillo corria, ululava, regougava, pinchava guindando-se ao peitoril das janellas, varejando as casas, espavorindo crianças e negras e eram correrias, aos gritos, gente sarapantada pelas ruas, pequenos berrando, quitandeiras protestando contra furtos de doces, cães arremettendo furiosos ou fugindo, aos cainhos, açoutados pelos diabos.

Muitos delles, latagões destorcidos, quando suspendiam a mascara, mostravam feição patibular, de faccinora. Eram, quasi todos, capoeiras — guayamús ou nagôs.

No correr do dia succediam-se as figuras typicas : o *burro*, gravibundo, de casaca e oculos, um livro aberto, a palmatoria suspensa á ilharga; *Pai João*, tisnado, esfarrapado, varrendo a sargeta a largas vassouradas, a chamar *Mai Maria*; a *Morte*, de roupeta negra, escaveirada, dois femures em cruz ás costas, uma ampulheta á frente, a foice na sinistra e na dextra a campainha tangida a espaços; *dominós* frescalhotes, em camisola de morim, com um az de

copas, no respectivo lugar; *princezes* desenxabidos, *bahianas* masculas, de collo ossudo, biceps em panturrilha, baragandans tinindo á cinta, chinellos de bico, batendo d'estalo; *chicards* de cabelleiras brancas, em bucres, capacete encimado de uma lanterna, de um manipanço ou de uma estrella gyrando á guisa de catavento; *soldados* com espadagões; *velhos*, de cabeçorras grotescas, nariz em tuberculo purpureo, belfas côr de bringela, perigalhos sanguineos, de baculo e luneta, casaca bordada a cadilhos, fazendo piruetas e zig-zagues tremelicados, no saracoteio do miudinho, numa roda de mascaras e curiosos, que rythmavam a dança ao som fragoroso das palmas e dos pandeiros; *marujos de cheganças*, levando barcos em charola, tunas peninsulares zangarreando fados á guitarra; *congadas*, com maracás, caixas, tambores, e um canto guaiado e banzeiro; *indios*, com enduapes e cocares, á maneira de espanadores; *chins*.

E as ruas, ao sol, enchiam-se de uma polychromia trefega e de ruidos azoinantes, nos quaes tilintavam guizos.

Toda a cidade affluia ao centro — dos mais remotos recantos descia gente com as suas mais bellas louçanias; era um exodo, a grande emigração para o gozo, buscando a rua do Ouvidor

onde, desde as tres horas, tornava-se difficil, quasi impossivel, vencer a multidão opprimida, que só abria um claro, recuando aos empurrões, quando, no alvoroto de um rôlo, estabelecia-se a barafunda e via-se um valente investir, espalhar-se, brandindo a bengala ou manejando, agil, a navalha fulcite, varrendo gente a rasteira, abrindo caminho a cabeçadas e com o frio, arrepiado terror do fuzilar do ferro.

Estalos, atirados aos punhados, crepitavam, os pés esmagavam exgottadas bisnagas de estanho, esguichos de seringas faziam curvas liquidas e irisadas ao sol e das sacadas para a rua era um vivo tiroteiode limões de cheiro que espoucavam no collo das moças risonhas ou esborrachavam-se no peito dos marmanjos, encharcando-os de essencias, de origem, ás vezes, suspeita.

A' noite, luminarias, arcos fulgurando, as musicas nos coretos, executando polkas e tangos rebolidos e o povaréu a arfar, avançando lentamente, angustiadamente, na oppressão asphyxiante.

A's vezes, entalada, a arquejar no aperto cada vez mais arrochado, a menina sentia um beliscão. Gritava, e a velha, indignada com o desaforo, bracejando, fula de ira, abria o dique á descompostura, atirando improperios ao acaso e, agarrando a filha, puxava-a, de repellão,

investindo como um ariete a romper o povo para livrar-se daquelle sem-vergonhismo.

Mas o grande dia era a terça-feira, com a sahida das sociedades em prestitos apparatosos, de grande luxo e... espirito.

O espirito... ai! delle, tambem lá se sumiu na voragem do Tempo.

Quem hoje debuxa o cortejo triumphal de Momo é aquelle mesmo discipulo de Apelles, cuja palheta sobrecarregada só servia para rebuçar a pobreza da imaginação.

Os grandes carros allegoricos, como os que ainda agora rebrilham nas avenidas e provocam polemicas estheticas, representavam : grutas micantes, marchetadas de malaquita, com aguas vitreas despenhando-se por arestas de ouro; caramancheis floridos; labyrinthos submarinos, onde brincavam cardumes de nereidas e tritões de escamas fulgidas; templos de columnas gyratorias; nuvens leves de gaze estrellada servindo de supedaneo a deusas; triremes de prôas enfloradas; arvores em cujos galhos balançavam-se redouças; e, dentro de taes construcções, os porta-estandartes ou as hetairas reclinadas, mostrando-se ao clarão dos fogos de bengala, languidas, correspondendo com beijos aos applausos freneticos da multidão em delirio.

E as guardas de honra, os sequitos equestres

de nymphas ou de Amores, as cavalgadas de amazonas, e as borboletas de azas de escumilha em carrinhos leves, toda a *grey* de Cythera numa ostentosa exhibição de corpos, que não eram inferiores aos de agora, nem na riqueza dos ornamentos, nem na perfeição das fórmas.

Mas entre o fulgor de um carro allegorico e um esquadrão venusto a gargalhada cascalhava estrondosa á passagem de um carro de critica, commentando um acontecimento do anno, com personagens conhecidas, afeiçoadas em estafermos de porte agigantado, e a troça vivaz, por vezes irreverente, de um socio garrulo, a cujo aceno o monstro movia-se, um tanto pêrro nos engonços, bracejando, espernegando, arrevessando cobras e lagartos ou engulindo, com voracidade, propinas e negociatas.

E durante a passagem das sociedades a rua do Ouvidor ficava verdadeiramente entupida, com as janellas apinhadas de moças, que esparziam pó de ouro sobre os carros mais bellos.

O diabo era a volta, com a fome a roer as entranhas, com os callos a martyrizarem os pés.

Quanta senhorinha, que poderia usar a sandalia minuscula de Cendrillon, palmilhava, descalça, as ruas, depois os andurriaes que entravam aos arrabaldes!

Quanta praga, quanto esconjuro de matrona, que, animando a caravana exhausta, suava esbofada, parando aqui, ali, certa de que teria o céu se o arrependimento salvasse, arrependida, como estava, de haver deixado o seu cantinho para metter-se em pagodeiras.

Bonds... O que delles apparecia, no lento e rangente resvalar ao passo resignado dos muares esfalfados, era uma crosta humana, passageiros até no tejadilho, batucando com as bengalas, numa algazarra ensurdecedora.

Beatas, que sahiam cedo para as igrejas, ainda encontravam mascaras cambaleantes, aos resmungos, numa esbodegação de esbornia e gente sentada na soleira das casas, esperando pacientemente o bond... que não chegava.

Que diriam as velhinhas de outr'ora, que passavam parte do dia nas igrejas, ás mesuras ante os altares, borrifando-se de agua benta, impregnando-se de aromas mysticos (uma, conheci eu que cheirava a cera como uma tocha), confessando-se, commungando, se vissem entrar a semana santa sem luto, sem preces, sem dobres de sinos, sem vigilias, regaladamente banqueteada a carne, com as moças galeando modas espaventosas e os rapazes em troças pelas ruas!

Tudo na semana santa relacionava-se com os Evangelhos, os propios brinquedos infantis pareciam trazer o sello das Escripturas.

Assim, nas proximidades de Ramos, appareciam as matracas, as céga-régas e os assobios de palma, em cartucho — uns simples, lisos, outros enfeitados de entre-laços e caracóes.

Nas quitandas vendiam-se as espathas e os pequenos, cortando a palha em fitas, enrolavam-nas espiraladamente, alongando ou curvando á feição de trompa venatoria os « assobios » que ordenavam em alguidares com agua onde os compradores escolhiam-nos para a enfezante aulética.

Se a gula, como affirma a igreja, é peccado que leva direito ao inferno, muita gente desse tempo deve referver nos caldeirões de pez.

Por preceito, durante a semana santa, não se sentia á mesa o mais leve saibo de carne, mas era farta e sortida a consoada meridiana em que primavam as cozinheiras negras, donas do segredo subtil da sopa de ostras, do polme de hervilhas, do vatapá dourado, do carurú, do zorô, das moquecas, das bacalhoadas, do peixe frito em azeite de zerzelim, dos sirys recheiados, das tortas de camarões e de caranguejos, do acaragé, do aberem, do feijão de côco, do arroz de marisco, da cangiquinha de milho verde, da

pamonha, do monguzá, do majar branco, do cus-cús, dos ovos nevados e da baba de moça. Era comida que farte!

A cidade tornava-se funerea — sentia-se verdadeiramente a presença da Morte.

Os homens, compungidos, trajavam de preto; as mulheres cobriam-se de mantilha e, até á noite, era um plangente, monotono dobrar de sinos.

No domingo de Ramos, desde cêdo, começavam a passar palmeiros — homens graves, senhoras, rapazes, crianças, negras e moleques, todos com a sua palma, simples ou enfeitada, como se viessem de uma colheita mystica.

O imperador descia da Quinta para assistir aos officios da Paixão, na Capella Imperial.

Na quinta-feira, á noite, as igrejas, sumptuosamente illuminadas, expunham a baixella e os paramentos ricos e, até tarde, regorgitavam de fieis.

Na sexta-feira, porém, dia melancolico, o respeito era absoluto — nem se consentia que os pequenos corressem, falassem alto : « Nosso Senhor está morto », sussurravam as velhas e se algum, mais irreverente e teimoso, assobiava ou gritava, era logo « jurado » para o sabbado da alleluia quando, ao explodir do foguetorio e ao repiquete dos sinos, tirava-se a comporta da

tristeza para que a vida retomasse o seu curso e a vara sahia a exercer o seu officio energico no lombo dos relapsos.

Os bonds, sem a campainha, passavam surdamente; calavam-se os pregões. Em algumas casas paravam o relogio, apagavam o fogo.

O officio nas igrejas era de uma solemnidade tragica.

O sermão era acompanhado a brados de arrependimento e a bofetadas penitenciaes, e as naves obscuras, abafadas, no denso atulhamento, ao brilho triste do cirios, por vezes repercutiam lamentos angustiosos.

A' noite era o tumulto á espera da procissão do enterro. As sacadas ostentavam-se forradas de colchas de damasco, com arandellas accesas; as ruas rescendiam cobertas de folhas de canella e mangueira.

O sahimento divino era imponente. Abriam a marcha os guiões das Irmandades, a cruz com o sudario entre irmãos de opa, empunhando tochas; depois, em duas alas, o sequito seraphico de anjinhos alados, alguns tão pequeninos que iam ao collo dos pais, cabeceando de somno; a theória das virgens, de branco, coroadas de rosas, e, entre ellas, a Veronica, com a « imagem sangrenta » de Jesus, ante a qual o povo ajoelhava-se.

Logo appareciam os farricocos mascarados; depois o palio refulgente levado por fidalgos e a comparsaria tetrica — legionarios de capacetes de ferro, couraça e loriga, caras iracundas, marchando soberbamente: o centurião a cavallo e, a seguir, o esquife de Jesus acompanhado das 3 Marias veladas de negro, em pranto.

A matraca estrallava lugubre e, de instante a instante, parando o cortejo, o « Anjo cantor », linda moça, de branco, resplandecente de joias, os cabellos soltos, subia a um estrado e, tristemente, entoava o :

O' vos omnes...

E Maria, lacrimosa, o coração varado por sete espadas, apparecia no andor que oscillava ao hombro de oito homens robustos.

Até tarde, fatigado, descalço e a cahir de somno, cumprindo uma promessa de minha mãi, acompanhei a procissão na vez unica que a vi.

O medo que me infundiram os soldados romanos foi superior a tudo e, por mais que me promettessem amendoas e chamassem a minha attenção para a doce voz do anjo, eu embarafustava pelas esquinas numa ancia de fugir, de safar-me pondo-me longe daquelles monstros que, se haviam assassinado um Deus, não seria muito que degollassem um fedelho de calças curtas e cabellama em tranças, como eu.

Em compensação, no sabbado d'alleluia, desde cêdo, a cidade alvoroçava-se com a grita da molecada ás soltas, arrastando e malhando a páo calungas de trapos, aos gritos de « mata o Judas! »

A' porta de certas casas amanheciam estafermos encostados, zambros, de cabeça pensa, acaçapados como bebedos, com cartazes ao peito injuriando alguem.

A victima da satyra indignava-se esbravejando á janella, a ameaçar céus e terras e mandava atirar longe o manipanço do qual immediatamente a molecada apoderava-se, esbordoando-o, estripando-o, esfrangalhando-o, queimando-o, por fim, com escandalo.

Não tardavam os « judas » apregoados pelos moleques. Eram pasquins redigidos á matroca por verrineiros de officio, nos quaes eram desnudamente expostos ridiculos e mazellas moraes. Os denunciados, postos em evidencia pelas iniciaes do nome, eram dados por « judas » e arrolavam-se-lhes os delictos, os escandalos, as torpezas.

Este figurava na lista delatora por ser máu senhor; esse, por viver cynicamente, de portas a dentro, com a comborça, aquelle, por se haver abotoado com os bens de um orphão; outro por namorador de moças ou rascoeiro de criadas;

ainda um por presumpçoso e arbitrario no exercicio do cargo de inspector de quarteirão.

E eram apontados rapazes estroinas, senhoras de vida airada, mocinhas levianas. Na coscovilhice dos follicularios por vezes transparecia a verdade, mas o despeito, a inveja, a covardia desforravam-se em torpes calumnias ferreteando reputações illibadas, abocanhando honestas firmas, espatifando virtudes, arrastando por lodaçal de aleives nomes venerandos.

Os moleques eram chamados das janellas, das sacadas, dos corredores, entravam nas estalagens e, em pouco, esgotavam a pasquinada deixando o acabrunhamento, a sizania, o furor, a casquinada satisfeita, por vezes lagrimas nos lares em que entrava o sordido papelucho. Ao meio dia os sinos repicavam, subiam gyrandolas ao ar e era um alarido nas ruas, um fragor de latas, estouro de bombas esphacellando a traparia dos *judas*, atrôo de prégões, varas de mascates estalando, buzinas zoando, silvos de apitos, tinir das campainhas dos bonds e já uma charanga pifia, ali um piano batucado a murros, o guincho de uma requinta de cégo e na esquina, fanhoso, esmoendo arias, o realejo do italiano. Dia alegre!

Alleluia!
Alleluia!

Carne no prato,
Farinha na cuia!

cantarolava a molecada.

No alvorecer do domingo, ao luscofusco, o povareu fervilhava nas ruas, espalhando-se em direcções diversas, caminho das igrejas, para a missa da resurreição.

O officio terminava sol nado, num clangor de sinos e de canticos e o povo deixava o templo com a alma contente, as mãis abençoando os filhos, os amigos abraçando-se congratulatoriamente pela victoria de Jesus redivivo, que regressava ao ceu para o governo misericordioso do mundo, segurança da paz e da redempção final.

Um momento, á porta das igrejas, a multidão coalhava-se rebalsada, pouco a pouco, porém, iam-se os grupos dissolvendo, cada qual a seu rumo, o maior numero encaminhando-se para a Praia do Peixe.

Era um dos prazeres maiores do tempo patinhar no lodo viscoso daquella feira sórdida. Andava-se aos apertões no tumulto beirando a rampa resvaladia e atulhada de bancas e canôas onde o peixe reluzia em pilhas e ostras escalavradas cascalhavam, ou esgueirava-se a custo por entre comoros de aboboras, de repolhos, de melancias, montões de couves e alfaces, sam-

burás, cestos, tampas de tomates rubros, de quiabos, de limões, de pimenta, num ambiente acre que tresandava á maresia e á horta, a suor, a alcool e a fumo, por entre a confusa algazarra dos que disputavam e o cacarejar das gallinhas, o grasnar dos patos, o grulhar dos perús, o galrar dos papagaios e o babaréo de contenda da gente negra.

Nas tendas, onde cartazes annunciavam vinho novo, bebia-se a rodo junto ás pipas ennastradas de folhas de mangueira.

Os açougues atupidos vermelhejavam na abundancia de carnes — quartos de rezes, carneiros abertos, porcos com a toucinhama a pingar chorume, linguas ás pilhas, miolos, chispes, orelheiras, bandounas em acervo, ás moscas.

A abundancia excitava a gulodice e a familia, vencendo o acanhamento, ia á fruta chuchurreando laranjas, mangas, trincando maçans ou, por extravagancia, provava o mingau de tapioca ou de cariman na barraca de alguma *mina* onde ganhadores empanturravam-se de angú, repetindo a ração com apetite heroico.

Quasi sempre, saciados de lambarices, os pequenos pediam, com frenesi, para ver os macacos. Os pais accediam e o rancho precipitava-se alvoroçadamente para o mercado central.

Lá dentro, em torno do chafariz e nas quatro

faces do polygono, *minas* sentadas em tamboretes, diante de escaleiras de frutas, cabisbaixas, com peneiras ao collo, descascavam amendoim ou enfiavam missangas e buzios.

Mas o bando apinhava-se diante da « loja dos bichos » e ali ficava deliciado, a rir das cabriolas dos macacos, das gatimonhas dos saguis, a admirar a empafia dos gallos de raça, a musculatura dos bull-dogs, a provocar papagaios ou a ouvir o chilreio da passarada vivida amenisando o basto celleiro immundo com a nota lyrica que lembrava a harmonia natural das selvas ao amanhecer.

E o negro do ganho, com o cesto attestado de victualhas e frutas, tomava o endereço e partia a trote, precedendo a familia no lar com abundancia saborosa para o festim de Paschoa.

Uma das calamidades do verão nesse tempo era a falta dagua.

De manhan cêdo, á hora do café, um visinho apparecia á porta : « Dá licença que eu encha esta moringa ? Estamos sem gota dagua em casa e o freguez até agora. » Ia-se á bica, no quintal.

A agua golfava em jorro, espoucava aos repiquetes, logo, porém, minguava, correndo em fio liso. Pelo encanamento esfusiava um sorvo; e estancava. Era a secca

A casa alarmava-se, todas as vasilhas eram postas junto á torneira e o lentejo raro, espaçado, trincolejava em latas, em bacias de ferro, num estellicidio de lagrima.

E começava o supplicio da cidade.

O aguadeiro, que vendia o barril a dois vintens, logo o encarecia a tostão. Quem tinha escravos mandava-os ao chafariz mais proximo; quem não tinha submettia-se á exigencia dos negros.

Das estalagens, viveiros de lavadeiras, sahiam romarias de mulheres com regadores, baldes, latas de kerozene. Crianças ficavam de atalia á janella á espera dum « tio dagua ». Eram raros e pediam pelo barril duzentos, quinhentos réis, dez tostões e mais.

Era um espectaculo curioso, a tamina.

Nas immediações das bicas, dos chafarizes, ao longo da calçada e da sargeta, por vezes atravancando a rua, o povo juntava-se a eito, cada qual com a sua vasilha.

E havia de tudo, na medida das forças de cada um, desde o barril até á moringa e o jarro levados pelas crianças. E sentada no meio fio ou sobre os barris a pobre gente esperava a vez — uns conversando; este cantarolando, com o espirito longe; adiante uma mulher enfezada a resmungar escarapelando-se.

Não raro travava-se bate boca azedo, fervia a tapona, rolavam barris e latas, fechava-se o « salceiro » no qual intervinham, á bruta, urbanos e permanentes esmurrando, quando não desembainhavam os refles em furia céva, escachando.

E todo o dia e toda a noite o povareu mantinha-se no posto em paciente espera, comendo ali mesmo, para não perder o lugar e o desfile não descontinuava ao longo das ruas onde ficava um rastro dagua do transfordo do vasilhame.

Os aguadeiros faziam ferias gordas e, passando muito pimpões com o barril á cabeça, se os chamavam, diziam logo, em tom que não admittia regateio : « *E'* dois mil réis p'ra quem quizé. Vem de longe. Serve, serve... » Que remedio!

Surge-me da memoria uma scena, hoje apagada nos costumes e mui commum nesse tempo. Vejo-a nitidamente na téla das reminiscencias, ouço-lhe o rumor atristurado.

Um dobre grave de sino, outro a espaço, outro e, de improviso, repiques em trebelho.

« O Senhor! » murmuravam as velhas, com uncção beata. Esperava-se recolhidamente, em silencio attento, e ouvia-se um vago sussurro, logo rumor, já perto vozeio rolando merencoreo no silencio da noite e a espaços, limpida, mas

lugubre, a campainha soando religiosamente e apparecia á esquina, tumultuosa, num resôo de passos arrastados, uma turba, com luzes vagalumiando e um marulho de prece murmurada em unisono soturno.

A' frente, o pallio do Santissimo ladeado por dous meninos de côro com lanternas alçadas, o padre paramentado conduzindo os Santos Oleos, o acolyto brandindo a campainha e povo denso, a empurrar-se: homens, mulheres, crianças levando velas cuja chamma protegiam com a mão em plataforma.

Transeuntes ajoelhavam-se na calçada, nos corredores das casas quando não adheriam ao acompanhamento.

Era o Nosso Pai.

Abriam-se portas e janellas, gente ajoelhava-se na soleira e, no interior alumiado viam-se pessoas prosternadas, cabisbaixas, batendo no peito.

Devotas sahiam á pressa traçando o chale e lá se mettiam no sequito.

Uma voz tirava o *Bemdito* e logo atroava em côro o cantico piedoso. E lento, triste, ás vibrações espaçadas da campainha, tinindo atravéz do canto, o cortejo proseguia acompanhando o Viatico levado a um moribundo para o temeroso transe.

Mas deixemos recordações funereas.

O mez de Junho, com o frio, era dos mais alegres na cidade e na roça. Os pequenos expunham á porta de casa as barraquinhas sortidas de fogos, diante das quaes a meninada da vizinhança parava invejosa e basbaque.

No ar cruzavam-se balões, explodiam foguetes esparzindo lagrimas. A's janellas turbilhonavam rodinhas, busca-pés rabeavam esguichando fagulhas, bombas estouravam e, de uma para outra casa eram tiroteios a pistolas de côres pondo as ruas, em certos pontos, sob uma abobada de fogo.

As moças reunidas faziam sortes. Mas na roça é que era gozar as festas de Junho e roça nesse tempo, era o Andarahy, era a Gavea, eram os Trapicheiros, com o seu banho famoso, era o Engenho Novo. Bairro que nunca ouvi nomear na minha infancia foi o de Villa Isabel... era ainda talvez, sertão inexplorado, com feras e bugres.

A viagem ao Engenho Novo era complicada e difficil. Lá fui eu, a um sitio, passar a quinzena festiva.

Ia-se de trem, em um vagão azul, de dois andares, que jogava desabaladamente como falúa em mar grosso.

Junto á estação, que tinha a apparencia hu-

milde de um rancho, tomava-se o carro de bois e, sob o toldo de palha, aos trancos, rodava-se por ali fóra, a rir com os boléos, a gozar a paizagem verde e cheia de passarinhos, a estrada sinuosa, ora em rampa, ora aos corcovos, mas sempre entre virentes balsas, com uma palhoça aqui, outra além, e, numa volta, a venda de alpendrada, diante da qual se juntavam roceiros e os burrinhos dormitavam pacificos e gordos.

A casa do sitio, coberta de sapê, ficava á sombra de um laranjal.

No terreiro já estava empilhada a lenha para e fogueira e ia uma azafama contente em volta das trempes sobre as quaes ferviam panellas.

O leitão esfolado e aberto, muito rosado, estava estaqueado e pendia de um limoeiro.

Os hospedes accommodavam-se como podiam. Dormia-se em rêdes, em esteiras sob o tecto palhiço, sentindo o vento frio entrar pelas frestas e ouvindo os sapos num aguaçal visinho. Comia-se sob latadas, com abelhas zumbindo em volta e os ramos das laranjeiras tão perto que era só estender a mão e colher a mais viçosa e madura e á noite, ao vivo clarão das fogueiras crepitantes, a foguetaria varejava o espaço e com que gaudio ia-se á fogueira tirar das cinzas a batata, puxar uma canna, chuchurrear emquanto o balão bojava e a viola

e a sanfona arranjavam-se em concerto para as danças ao ar livre, na eira varrida, branca ao luar. E que somno!

Despertava-se á voz dos gallos, ao mugido dos bois; sahia-se á nevoa, para o banho na fonte, tornava-se á casa, ainda molhado, a correr, roxo de frio, e achava-se a tigela de café, o bolo de milho, beijús e aipim e brincava-se na grande liberdade, entrando ao mato de onde abalavam rolas, subindo aos comoros, marinhando nas tangerineiras esmaltadas de pomos de ouro.

Outro prazer era ir á noite, durante a festa do Espirito Santo, ás barracas no Campo de Sant'Anna.

Havia ali de tudo — desde o jogo desenfreiado até a marmóta ingenua, desde o theatrinho de bonecos até phenomenos que faziam pasmar, como o anão sem braços que escrevia, jogava, tocava violino, comia e atirava ao alvo com os pés.

Cartazes attrahiam com figuras e dizeres convidativos : era o homem que engulia espadas, era a cabeça que falava, era o hercules que levantava um boi ás costas, era a domadora de serpentes, era o homem passaro, cujo gorgeio ouvia-se de fóra.

E os prégões confundiam-se, atroavam atravéz do badalar de sinetas, ao rinchavelhar de charangas e de realejos, do guincho das gaitas, dos assobios, dos tambores, das matracas, do grunhido de porcos, do grasnar de patos apresentados ao publico pelos vendedores de sortes, que sacolejavam saccos com as pedras numeradas.

E o povo mexia-se lentamente nas ruellas illuminadas, indo de uma a outra barraca, jogando, agachando-se ante os oculos dos cosmoramas, bebendo nos botequins, rindo das chalaças do palhaço ou affluindo, apinhando-se na praça em torno das peças do fogo de artificio para ver o combate entre a fragata e a fortaleza, a dançarina ou o amollador no seu rebolo chispante.

E a alvorada patriotica do 7 de Setembro, no Rocio, com as salvas de artilharia no morro de Santo Antonio, o hymno da Independencia cantado por moças de branco, e fitas verdi-fliavas a tiracollo, o coreto armado junto ao monumento a Pedro I.

E a festa da Gloria, com o famoso fogo de artificio, quasi sempre prejudicado pelas correrias anavalhadas dos capoeiras.

E a Penha...? A Penha!...

Era mais pittoresca, nesse tempo, a romaria.

As estalagens ficavam desertas — os carros partiam para o arraial de madrugada.

Vel-os era á volta, á tardinha, enramados de folhagem, com os burros — duas e tres parelhas — enfeitados de flores e os romeiros alegres, emborcando os chifres de vinhaça.

As mulheres vestidas á saloia, com arrecadas e grossos cordões de ouro, uma grande rosca á guisa de turbante; os homens com rosarios de roscas a bandoleira e ainda roscas em volta do chapéu, véneras da santa ao peito, cantando, bailando ás umbigadas, castanholando, ao som de gaitas e doçainas rusticas, vermelhos de sol e de vinho como se tresuassem môsto, de olhos languidos, aos vivas! á santa e á terra, atravessando as ruas numa algazarra bacchica como se viessem de uma festa pagan.

A Conceição, o Natal com os presepes, os bandos pastoris... E a minha meninice, a minha infancia, a festa de que mais saudade eu tenho...

Ai! de mim...

A antiga cidade morreu, mas do seu tumulo surgiu outra mais formosa... e quanto mais ella entrar pelos annos mais joven parecerá e mais linda.

Ai! de mim...

Vejo-a reverdecer como as arvores que se desfolham no inverno e reviçam mais frondosas

na primavera... e os meus cabellos, que eram de ouro, embranquecem — é o sol que transmonta no occaso.

Os annos passam por ella como effluvios de vida; sobre mim são como pedras que pesam.

O que eu amo da antiga cidade é o que nella deixei — os dias suaves da meninice, floridos de sonhos que se desfolharam.

Mas ainda que a saudade me reconduza ao passado, como nos leva ao cemiterio onde temos mortos inesquecidos, quero a luz do sol, a vida, a agitação e não ficarei petrificado á beira do sepulchro, mas seguirei na marcha em que vão todos até tropeçar na cova que me espera.

E a cidade viverá ao sol, linda e moça, passando pelos seculos incolume.

De Renan, que tambem amava o passado e sempre o tinha no coração, tiro o fecho de ouro para encerrar este memorial de saudades :

« Parlant d'un passé qui m'est cher, j'en ai parlé avec sympathie ; je ne voudrais pas cependant que cela produisit de malentendu et que l'on me prit pour un bien grand réactionnaire. J'aime le passé, mais je porte envie à l'avenir. »

RESPIGANDO

Pagina de saudade

Lida na sessão litteraria commemorativa do 70° anniversario da fundação do Gymnasio Nacional a 2 de Dezembro de 1907

Entre os papeis da minha correspondencia recebi, certa manhan, uma carta traçada em linhas de elegante, mas visivelmente disfarçada calligraphia, na qual um másculo e retorcido G. cujo talhe forte mal se continha no arrocho do rebuço, lamentando muitas e deploraveis omissões em um dos meus romances, perguntava : « Quando pretendia eu publicar as minhas *Memorias*? » Se me não occorresse o que escreveu Aristoteles sobre os ephemeros das margens do Hypanis, passageiros de um sol, que vivem entre dois crepusculos e conhecem as graças gentis da infancia, os arroubos da juventude, os árduos trabalhos da virilidade e os desconsolos da velhice, certo teria tomado á má parte a interrogativa que me relegava á

anciania, porque, em verdade, *Memorias* são relatos do fim da vida.

Mas as horas activas passam em tamanha vertigem neste destravado seculo que, para um ephemero, quarenta annos contam como uma eternidade. Não me pruiu o melindre da Vaidade, d'antes galeando em vestes de ouro como refulgente e alegre dia de verão, a embranquecer agora, anoitecendo ao luar. O que fiz foi responder para a Posta Restante á curiosa inicial uma só palavra : Nunca!

As minhas *Memorias*!

« *Ce qu'on dit de soi est toujours poésie* » confessou um contemplativo e quem, descrevendo o Passado, não o fizer como poeta, poderá deixar abundante e substancial acervo historico, mas não dará cópia do que constitue propriamente a essencia das *Memorias*. O amador de taes escriptos folhêa-os procurando nelles um encanto raro : a verdade sobre uma vida e, por entre factos atropellados, episodios tumultuosos, sombras e deslumbramentos, quer surprender a alma núa, aláda e livre d'aquelle cujo maior cuidado na existencia foi esconder, sob espessa folhagem de palavras, o seu verdadeiro sentir.

E valem *Memorias* sem sinceridade? nada valem ; e sinceras, quem as fará? Ninguem. A

nudez é sempre vergonhosa, mesmo na morte.

As minhas *Memorias*...

Se eu as houvesse começado nos dias aureos dos meus vinte annos seriam hoje tão volumosas como uma encyclopedia : é que eu vivi num agitado e robusto periodo de creação. A minha epocha ha de ficar na Historia Patria como aquelles disticos radiosos que, no Livro Magno, claream, douram e vão desvendando ao espirito as bellezas magnificas da terra infante :

« 1 — No principio creou Deus os ceus e a terra.

2 — E a terra era sem forma e vasia e havia trevas sobre a face do abysmo : e o Espirito Santo se movia sobre a face das aguas.

3 — E disse Deus : Haja luz : e houve luz.

4 — E viu Deus que era bôa a luz e fez Deus separação entre a luz e as trevas.

5 — E Deus chamou á Luz Dia; e ás trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã o dia primeiro ».

E assim foi, em verdade. Os moços difficilmente entenderiam as minhas palavras se eu entrasse a debuxar o aspecto da Patria no tempo, tão d'hontem, que, entretanto, parece coévo da vasa primordial.

A Tréva... Tréva viva dentro da qual tudo era desespero e dor. Quem se debruçava sobre esse

ergástulo teterrimo ficava estarrecido e commiserado descobrindo dentro d'elle milhares d'almas em pena.

Pobre treva humana! Noite dolorosa e fecunda que orvalhou de lagrimas os nossos campos, ainda humidos do sangue do selvagem. Dissipou-se, uma manhan, ao som de canticos, esse negror de vilipendio e crueza. Eu estava de pé nessa hora sobre todas fulgida e sublime.

Outra veiu. Toda a Patria illuminou-se ao clarão estupendo. Eu fui dos primeiros que saudaram o sol nesse dealbar. Depois...

Como se ha de descrever o portento? Viajantes affirmam que, na região amazonica, quem adormece no recesso das mattas, é, alta noite, despertado por estridores e, no silencio mysterioso, a quando e quando, ouve crepitar, estalar, ranger, fremir. São as arvores que se desenvolvem, é a floresta a crescer. E, no sólo raso, em ruido perenne, pullula a herva, sóbe a tige dos arbustos, estira-se a liana, desabrocha a flor para enfeite e arôma da manhan que as mil aves annunciam do cimo das frondes em que afloram e se rasgam as tenues gazes da neblina, veu nupcial das eternas bôdas da natureza.

Nós vivemos dentro de maravilha igual e, se não pasmamos do espectaculo, é porque já nos affizemos ao prodigio. Assim o indio passa

indifferente sem attentar na genese floral; nem volta a cabeça para ouvir a crebra trepidação do arvoredo que abrólha.

A seiva, d'antes mesquinha, agora circula em caudal e, constantemente, ouvimos, ao sol e á noite, á luz rubra de fachos, como em reino cyclópico, o rebate estrondoso do trabalho.

Mas não é a brenha, é a cidade que exúbera em progresso, é o paiz que se dilata, é a energia que exsurge d'impeto.

O Japão revelou-se ao mundo pelas armas mostrando-se de pé sobre mortualha e ruinas, num halo feito pelo irradiar da guerra. Nós mostramo-nos com mais doçura no campo em flor, que a messe farta aloura, ao brilho do sol pacifico, ouvindo, a um tempo, o canto das almas felizes e as vozes da natureza suave.

E a expansão assombra ! Erguem-se soberbos palacios, alargam-se avenidas, alhanam-se montanhas, saneam-se rebalsos, plantam-se e ornamentam-se jardins, e a nossa intelligencia, na vespera nem sequer suspeitada lá fóra, nos grandes centros espirituaes, transborda explosivamente e toma d'assalto o acume.

E' vel-a, ufana nos ares limpidos disputando o espaço á nuvem e inaugurando, no praino da aza e ainda nos penetraes da estrella, um livre rumo para a Humanidade.

E' vêl-a no Congresso dos Homens Bons, em Haya, entre seculos de cultura, joven e altaneira, como Jesus no Sanhedrin, dando lições aos doutores encanecidos na Thora.

E' vêl-a no Congresso de Hygiene, rehabilitando a antiga Feira da Peste, a offerecer ao mundo, como a bemfaseja Minerva Hygia, o elixir da vida.

E' vêl-a na Força pacifica do direito rehavendo territorios usurpados pela chicana ou abandonados pelo descuido E' vel-a nas Artes, nas Lettras. E' vêl-a no trabalho, desde o que se executa, com mysterio, nas entranhas da terra, á mañeira pelasgica, até o que se faz á luz plena, na leira pingue, saciada d'aguas, amadurecendo searas ou engordando rebanhos.

Bem vêdes : muito eu teria de dizer se quizesse redigir *Memorias*. Vivi como o Povo na Idade Média. Os meus vinte annos juvenis foram tristes e vasios para a minha Patria como os dez adormecidos seculos o foram para a vida occidental, ainda que em uma e em outra éra o humus latente circulava.

Mas o dia do Renascimento foi tão cheio, tão glorioso que eu posso falar como um ephemero que houvesse nascido em manhan de primavera e assistisse ao desabrochar de todo um rosal.

« Ainda não cheguei ao crepusculo do meu

dia escasso e em annos longos, discorrendo como uma ribeira que não cessa de fluir e murmurar, nem assim vos descreveria tudo que hei visto nestes tempos mais proximos, desde a primeira manhan alumiada pelo amor, com o canto dos livres coroando de harmonia os cerros ».

As minhas *Memorias*...

Se eu as escrevesse uma das paginas mais commovidas seria, sem duvida, a que viesse com a dacta de 20 de Abril de 1907.

Na manhan d'esse dia cheguei, não sem emoção direi até : receio, á portaria desta casa.

Logo á entrada como que se me mudou a alma — senti-me outro dentro de mim. Uma viva e forte recordação operara o encanto devolvendo-me ao Passado.

Em vez do homem, já orvalhado de velhice, foi um menino de quatorze annos louro, reforçado, myope, a testa sempre franzida, como a repuxar a attenção, quem cruzou o limiar, sorrindo ao velho porteiro Gomes, curvado sobre a perna ankylosada que, arrastando os passos, a resmungar, ia tanger a sineta.

O menino vivia na visinhança do collegio, entre dois velhos que o estremeciam, numa casinha pobre, em cujo quintalejo mirrava uma larangeira esteril e rosas davam perfume. A casa talvez já não exista... era tão antiga, uma

das primeiras construidas na rua estreita; os velhos, esses têm-nos Deus no ceu...

Ao atravessar o portão de ferro o menino descobriu-se e, como levava um livro, seguindo ao longo do claustro, teve impetos de o abrir, repassar a lição, fixar na memoria uma regra rebelde.

Alumnos, perfilados em fórma, encaravam-no sorrindo, cochichavam e elle, múdo, retrahido, receiando chufas, cosia-se com as paredes, sem levantar os olhos.

Entrou em uma sala esconsa. Sentou-se quieto, o livro sobre os joelhos e ali ficou immovel... quanto tempo? não saberia dizel-o : cabem annos em um minuto de sonho. Mais d'uma vez soergueu-se respeitoso, murmurando, entre labios, uma saudação.

Vultos passavam.

O primeiro foi o do velho Lucindo. Grande, robusto, cor de bronze — um numida. Chapeu de Manilha, calças brancas d'aspecto enxovalhado, larga sobrecasaca d'abas immensas, esvoaçando. Lá ia, sacudindo os braços, cabeça alta, olhando em frente, como a descortinar, distrahido... pensando, talvez, no Lácio amado, com as vinhas pampinosas descriptas pelo mantuano, com as metamorphoses divinas do triste Ovidio, com a perfeição meditada do incontentavel Horacio, com as guerras longas de Cesar,

com a eloquencia empolgante de Cicero, com a gargalhada de Plauto, com o sorriso de Terencio. Roma intra-muros, a *urbs* forte; Roma hastata, com as vexillas altas, em marcha por terras barbaras. E parecia chuchurrear hexametros com a delicia com que deixaria dissolver-se lentamente na lingua um fino e pralinado *bon-bon fondant*. E elle não os desdenhava. Deu pelo menino, lançou-lhe um olhar de relanço e, acenando com a mão larga, trovejou : *Vale!*

Outro : Halbout. O typo austero e rispido de professor á antiga. Sempre escanhoado, a boca funda, queixo em resalto agudo, apontado em esporão de heptère. Strabico, como se confiasse a cada um dos olhos a guarda de um dos seus flancos : este, attento á direita; aquelle, vigiando a esquerda; passo apressado, firme, batido, atroando, em rythmo, as arcadas.

Depois, vagaroso, cabisbaixo, pensativo, d'um louro diluido, anemico de mel, nos cabellos alisados, na barba longa e rala, myope, os olhos entre cilios cor de palha, o erudito Dr Garcia, familiar dos classicos vernaculos e tão amoroso de Camões e de Vieira que, não raro, em aula, perdia o fio da lição repousando numa oitava do épos ou enlevado no crystallino periodo de algum sermão.

E eram todos, todos passando, perdendo-se, os bons semeadores que, do alto da cathedra, como do cimo de uma collina sagrada, lançavam á planicie d'almas a sementeira luminosa.

E collegas... quantos! Uns que já não respondem ás vozes da terra, outros que por ahi andam servindo á Sciencia, ás Lettras, á Industria, ao Commercio, ás armas; e outros... não os evoquemos... foram como as pedras de que fala o Evangelho nas quaes não vinga a semente.

A sineta soou. Aula. Do Lucindo... seria? Onde o volume do Virgilio? Seria do Halbout? e o Charles André? Geometria (oh! mêdo) com o Drago? ou simplesmente uma hora solta e divertida no pateo, com o Paulo Vidal, de dolman de linho, gorro e cinta, commandando evoluções, ás ruflas alegres da caixa ou excitando ao salto no trampolim, á flexão nas argollas ou ao volteio na barra? Que seria? Entrou em uma sala que logo reconheceu — era a do Lucindo e a voz do mestre, pausada e forte, accentuando as syllabas, resoou-lhe na memoria :

Fortunate senex! ergo tua rura manebunt!

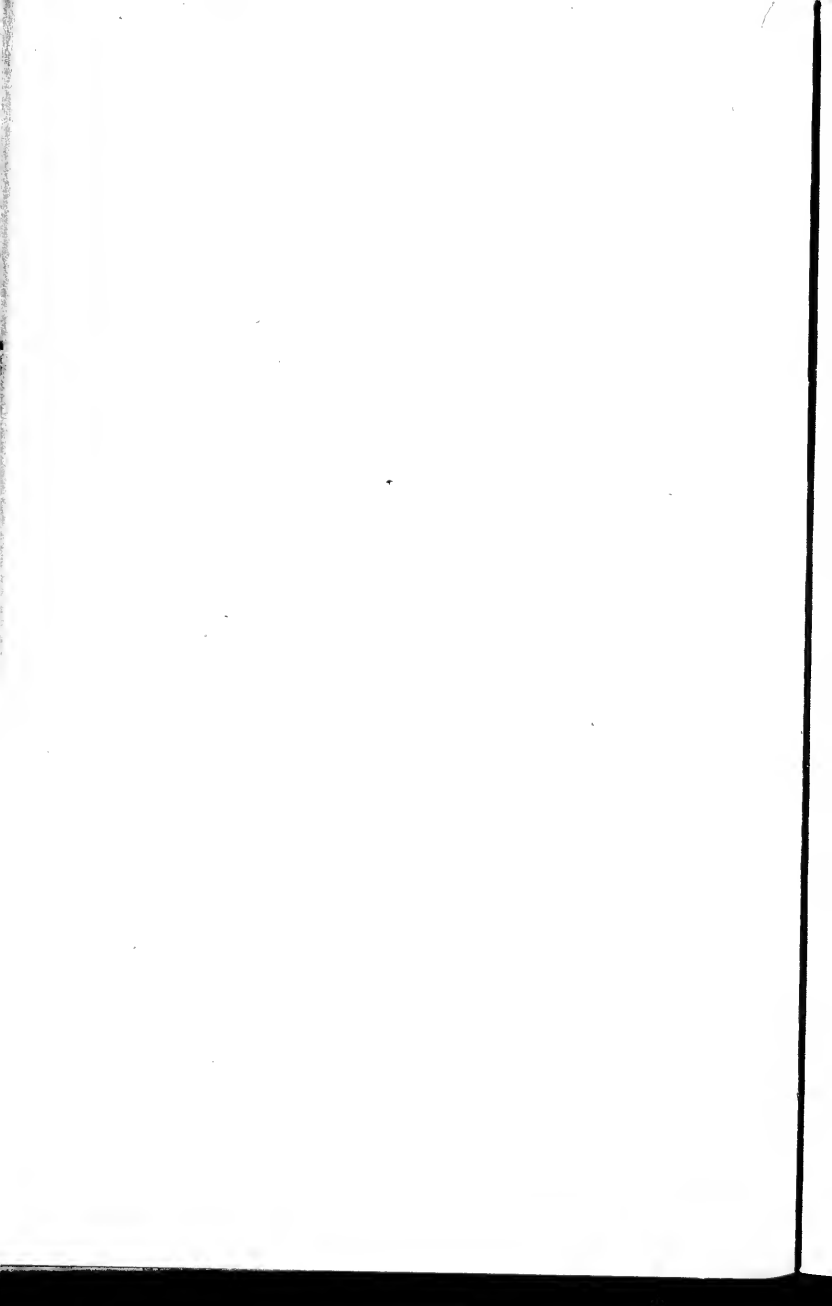
Em vez, porem, de occupar uma das carteiras, a sua : primeira da segunda fila, á esquerda, encaminhou-se á mesa ; á lição, sem duvida.

Mas, como sob o imperio de uma suggestão, subiu ao estrado, afastou a cadeira, sentou-se.

Um momento, immovel, d'olhos muito abertos, relanceou toda a sala e, como num quadro dissolvente, a scena foi-se abrumando — uma nevoa empanou a visão e, pouco a pouco, esgarçando a sombra, foi surgindo em formas tenues, leves, quasi indecisas, o real... e accentuava-se, resaltava, vivia e... minh'alma regressou tristonha do Passado.

Do menino o que ficou foi um homem cheio de cabellos brancos e mais ainda de saudades tristes... que sou eu. E que me deram os annos passados nesta Casa onde troquei as illusões da infancia pelos conhecimentos exactos e puros da Vida e do Dever? Deram-me o trigo com que amasso o pão bemdicto de que me nutro e que ainda reparto comvosco á mesa, meus alumnos.

....

E afinal esta pagina das minhas *Memorias*, se eu as escrevesse, seria interessante, se não por outro motivo, ao menos por haver provado a verdade do suave conceito do philosopho : « *Ce qu'on dit de soi est toujours poésie.* »

A' beira do tumulo de Arthur Azevedo

(23 de Outubro de 1908)

Nesta fronteira mysteriosa que limita os dois mundos — o tumultuoso da vida que tanta vez surprendeste fixando-lhe os episodios em scenas de intensa flagrancia, e o sereno da Eternidade, cujos umbraes atravessaste, digo pela Academia Brasileira, que aqui me manda, o derradeiro adeus á tua suave Bondade.

Foste dos seus mais illustres socios, honraste-a com o teu caracter, ennobreceste-a com o teu talento : é justo que a sua voz se faça ouvir no instante em que regressas ao seio da Grande Mãi, a dormir o somno da noite sem horas.

Outra voz, porém, sobe-me á boca em palavras sentidas — é a da nossa terra pequenina, é a do amado e saudoso Maranhão, onde surgimos ao sol, na linda e graciosa paizagem de arvoredos verdes e de aguas que cantam.

Vendo-te partir, lembro-me das erosões que os rios fazem nas barrancas quando descem precipitosos, em rumo ao Oceano, roendo os contrafortes da terra e arrastando comsigo as humildes plantas e as arvores robustas ; e a vege-

tação que fica debruçada, sentindo o escorcho das aguas que lhe vão descobrindo as raizes, pende, inclina-se acenosa, á espera da hora de seguir na corrente para o destino do Nada.

Passas na levadia, vais teu caminho, deixando orphan a Terra que tanto se orgulha do teu nome, pelo Céu, que a tua Bondade conquistou. O que fica de ti entre os homens é a obra do poeta; o que vai comtigo para Deus é a virtude do teu espirito perfeito.

Poucas vezes tenho encarado tão de perto com a Morte, como hontem me succedeu quando a sua sombra baixava sobre o teu rosto ; e o que me ficou dessa visão memoravel de um occaso humano foi a certeza do prestigio da Bondade.

Atravessaste a vida num sorriso, nunca sahiste do raio de sol, e, da grande altura da Morte, alongando o olhar até ás lindes do berço, viste tudo azul, puro e claro. E sereno, na doce paz de uma consciencia limpida, esperaste o final da comedia.

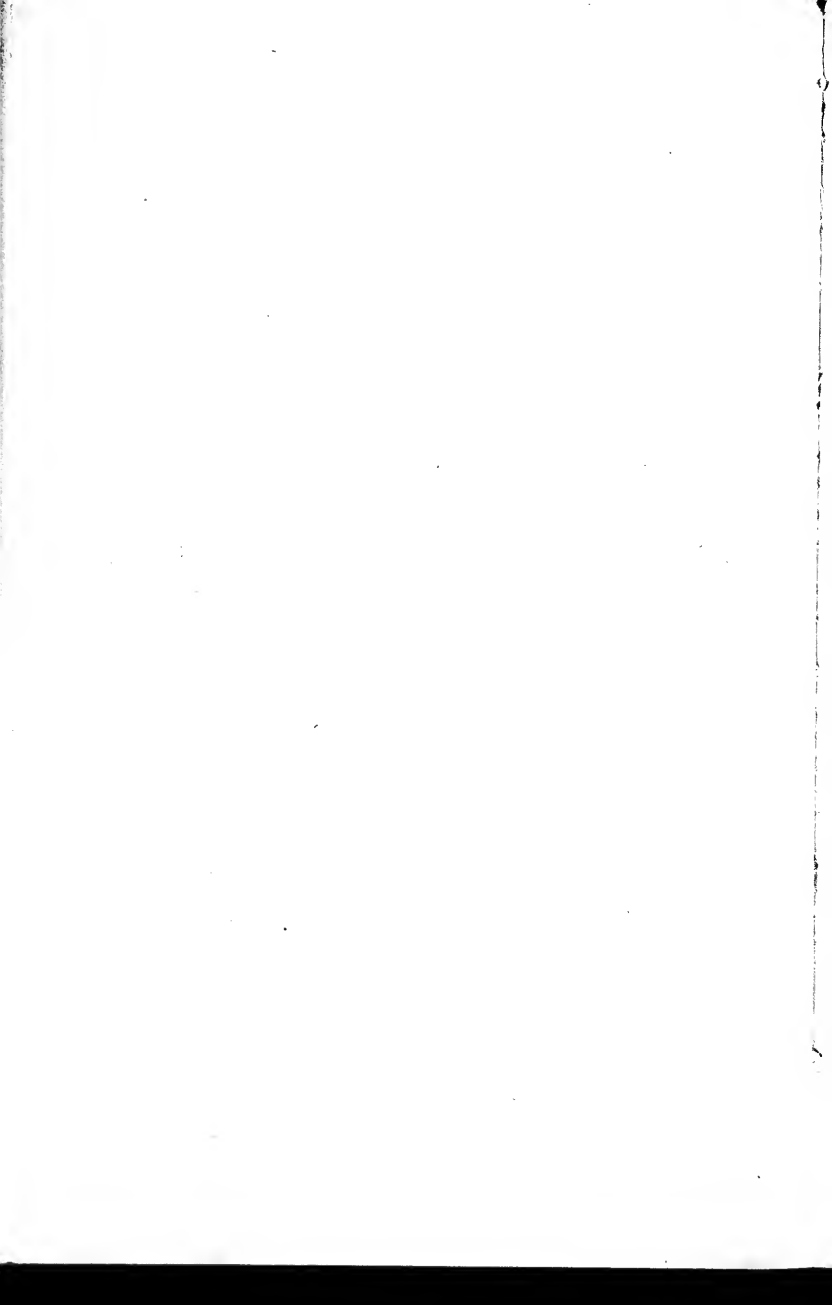
O lance seduziu-te : era novo.

Sorrindo, viste baixar o panno lentamente, satisfeito com o que fizeras. Mas, num arranque, soergueste o corpo já frio e, relanceando o olhar em torno, buscaste fixar na retina o scenario do teu mundo amoroso, e viste o circulo de affectos em volta de ti.

Então, ajuntando, ás pressas, o que ainda tinhas no coração generoso, accendendo o olhar no ultimo vasquejo, já da outra margem da Vida, atiraste aos que ficavam o mais formoso e triste dos adeuses—duas lagrimas.

E foi tudo.

Foi ainda uma lição, mestre e amigo :—aprendi na tua morte a condensar a emoção numa synthese augusta.

Palavras são vestes, a Lagrima é a Verdade nua. Ella aqui fica como a flôr de minha alma. Adeus !

Discurso pronunciado no Castello, como orador official da Prefeitura, na dacta anniversaria da fundação da cidade, 20 de Janeiro de 1910.

Sr. Ministro de Portugal. Srs. representantes da Marinha portugueza. Povo:

Nascido nos areaes do Norte, nessa alvura que scintilla e deslumbra ao sol e, á noite, ao luar, dá a impressão regelada das invernias polares, tendo por sombra os flabellos vivos das palmeiras, que a terra tropical erige nos escampos para resguardo e encanto dos seus filhos, cêdo, na madrugada da vida, deixei o lugar nativo passando-me, com os meus, a esta cidade hospitaleira.

Nos seus recessos tanto me entranhei que a todos conheço, como os conhece o sol, desde os mais reconditos e aceitosos balsedos, onde ainda frondejam arvores á cuja sombra larga estancearam tribus, até as avenidas de hontem que ali tendes sob os olhos, na sua maravilhosa belleza, agora opulenta, porque o sol, na agonia, distribuindo os bens que lhe restam, dellas se

vai despedindo com adeuses de ouro e violetas de saudade.

Conheço-lhe as aguas que cantam nas pedras tornando em grandes harpas eolias os rochedos agrestes; conheço-lhe as aguas que fazem acreditar no capricho de Cleopatra dissolvendo uma perola em vinagre porque parecem, na grande taça de Guanabara, um licor de esperança, feito de esmeraldas diluidas; conheço-lhe os vergeis e os montes e para que dizer que lhe conheço o encanto se disso vos dou prova com a minha presença?

Captivo de amor aqui vou envelhecendo, de olhos no céu, com a certeza de dormir o dôce somno no leito que a Primavera, que aqui móra, traz sempre coberto de flores.

Este apêgo: d'alma, á belleza; do corpo, á delicia do que esta cidade tem em maravilha e em doçura fez com que, mal sahido de uma enfermidade, ainda de olhos obumbrados, eu me abalançasse a tão árdua caminhada em romaria ao lugar onde se encontra o relicario augusto da cidade, em torno do qual nos reunimos, quasi em religião.

No mosteiro, perto de Deus, descança o despojo do heroe.

Que pantheon mais grandioso e mais bello poderiam dar-lhe?

Trazido aos hombros dos batalhadores, alguns, talvez, dos que com elle andaram baralhados na accommettida valente contra a flecha do gentio e contra a bala do usurpador, aqui jaz, sobranceiro á cidade, como Minerva avultava na Acrópole atheniense.

Lá, na eminencia hellenica, era a ficção posta em fórma pela Arte; aqui é a Verdade sob a guarda da Historia.

Retirai a lapide e vereis a ossaria, mas a obra do heroe, eil-a ante vós: é a florescencia do seu genio, é o desenvolvimento da sementeira fecunda —as gottas do seu generoso sangue — que, germinando e trabalhada por gerações successivas, deu a cidade que ahi está, formosa.

Em torno do tumulo acham-se todos os membros do povo, desde o Prefeito que é o representante do Districto Federal, até o mais humilde *sem lar*, que vive pelas ruas, dormindo, como as hervas de Deus, á luz das estrellas, embalado pelo bulir das folhas.

A commemoração de hoje vale como um preito e uma lição de civismo.

O povo não folheia alfarrabios, não tem tempo para esmerilhar assumptos—aprende a historia ao sol, nas ruas. Não a decora: sente-a. E' necessario dar-lh'a em documentos e em festas, estabelecendo, assim, pela imagem e pelas commemo-

rações, o culto da tradição, essa força das raças.

O exemplo vale tanto como as regras, senão mais.

A tradição é a poesia da historia e o povo prefere o canto de um poeta á prelecção de um erudito.

A humanidade veiu, desde o planalto aryano, caminhando ao som das harpas e onde ella passou deixou ficar uma lenda que floresceu e deu o fruto da Verdade.

Povo sem tradição é como arvore sem raiz.

Imaginai, se é possivel, uma floresta de arvores soltas, pousadas no sólo, sem afinco, desligadas da terra: morreriam á falta de seiva ou cahiriam ao sopro do vento.

Navio sem ancora que o retenha garra, vai perdido e sossobra em mar frouxo.

A tradição infunde-se no passado como as raizes entranham-se na terra, amparando e nutrindo a arvore que, quanto mais as recrava e irradia, mais se robustece e alinda.

Por ellas sobe a seiva e assim como as folhas cahidas transformam-se em humus, que é a força da arvore, assim o Passado alimenta o Futuro e os mortos dão com o exemplo dos seus feitos uma lição perenne aos vivos.

A recordação é um mergulho na morte, do qual se volta com mais alento para a vida.

Um povo sem tradição vive como os ephemeros.

" Le souvenir est pour chaque homme une partie de sa moralité ; malheur à qui n'a pas de souvenir ! "

Estas palavras limpidas e verdadeiras reflectem a suave philosophia de Renan.

Quantos exemplos temos nós de povos desapparecidos e quantos nos dá a historia de resurreições de povos !

Onde foram os redivivos buscar alma para o renascimento ? na tradição.

Anteu, tocando a terra para refazer-se de forças, dá bem a idéa da luta pela vida em que se empenham as raças que recorrem ás origens quando se sentem desfallecidas.

Vêde os povos do Oriente que resurgem possantes, trazendo, como symbolos, as figuras do passado. No Japão foi o samurai que commandou, em espirito, os exercitos na formidavel campanha de que sahiu vencida a Russia apagada e fria.

Dá-se, hoje, festivamente, uma lição de civismo ao povo, á maneira olympica dos Gregos que passeiavam os seus deuses em triumpho, coroavam os seus heróes na *ágora* e, visitando os lugares sagrados, celebravam festas que ficaram memoraveis.

Ahi está a cidade em marcha! Eil-a formosa, branca entre verdores, ainda esplendida ao sol. Veiu dali, sahiu do reconcavo das penhas, em tejupares ligeiros e caiçaras frageis. Depois teve colmados mais largos e uma roça vicejando em volta. Ranchinhos á beira mar tremiam com o vento. Logo entraram homens ao bosque derrubando troncos, o oleiro poz-se amassar o barro, enformou-o, seccou-o ao sol e houve tijolos e telhas e as casas, com mais segurança e conforto, lançaram-se, a esmo, por montes e planicies. Refloriu um jardim viçoso e logo alteou-se um muro a guardal-o e os animaes, socios do homem, cresceram na cerca domestica.

Então lançaram-se regras, pensou-se em dar largueza ás estradas, em achanal-as para facilitar as jornadas e começou o trabalho paciente dos aterros. E como os mananciaes ficavam longe arquearam-se os supportes de um aqueducto e houve fartura de agua.

E a cidade crescia, enchia-se de bens que amenizavam a vida.

Poz-se o commercio em communicação com a lavoura, as industrias surgiram, vieram as artes e, com ellas, o gosto,

Navios entravam descarregando productos do velho mundo e regressavam levando as primicias da terra nova e a cidade ganhava com o

contacto dos que a visitavam, deixando-lhe no espirito, com a indifferença com que as abelhas deixam o pollen nas flôres, as idéas que deviam medrar, produzindo o que hoje vedes, essa grandiosa belleza que é nosso orgulho, e que tambem deve ser vosso, bravos marinheiros da armada portugueza.

Se houvesse flôr nesse tumulo que a lapide esterilisa eu vol-a daria para que a levasseis á vossa patria, grande ancestral desta Republica. Seria uma parcella do heróe perfumada pela seiva da nossa terra.

Mas levai a noticia do que vedes e dizei como cumprimos devotamente o dever de filhos agradecidos ante o tumulo do que nos deu, livre, desde a ribeira do mar até as fundas selvas que a fechavam, a cidade que festejamos.

Por um capricho do acaso viestes em nave airosa que perpetúa nas aguas o nome, fulgurante na historia, da náu em que Vasco da Gama dobrou ousadamente o Cabo Tormentoso e, acolhidos como irmãos, que sois, partilhais da nossa alegria numa festa domestica que vos recorda o tempo em que andaveis soltos nos mares, como pescadores de mundos.

Ide e dizei como nos vistes, cercando de amor a Tradição e a Historia, que são vossas, e

relembrando, no anniversario da cidade, o feito do vosso heróe.

Certo não vos sentis hospedes entre nós. Que falta para que tenhais por vossa esta terra que amamos? Vós a tirastes do mysterio, vós a defendestes em guerras encarniçadas, vos começastes a levantal-a, parte da sua vida está inscripta na vossa historia e a lingua em que vos falo os mesmos que vol-a ensinaram nol-a transmittiram.

Que ha entre nós a separar-nos? um pouco de mar. E isso que é para um povo de navegadores, cuja gloria maior foi conquistada nos oceanos?

Estacio de Sá sahiu da vossa gente para a nossa historia. Tinheis tantos heróes que um que mandaveis além, sem diminuir a vossa gloria, engrandecia um povo.

Deixamos o templo. No altar vimos o santo que combateu heroica e valentemente. La está a imagem de São Sebastião aspada de frechas. Mais abaixo o tumulo de Estacio de Sá victima da frecha tapuia.

O martyr e o heróe morreram da mesma morte.

Senhores, tendes aqui o marco, tendes ali o tumulo, reliquia fundamental da cidade. São émulos na Historia.

Gloria aos heróes!

E agora, com a noite que desce, desçamos. Fique em repouso o que dorme, tornem os vivos á vida com mais animo, continuando a obra do grande antepassado no campo que elle defendeu esforçadamente com a espada e adubou generosamente com o sangue.

Discurso pronunciado na inauguração da Escola Dramatica Municipal, a 15 de Abril de 1910.

Fundar uma escola é construir no Futuro — só um edificio póde avultar ao lado della, o templo. Assim ficarão contiguas duas eternidades : Deus e a alma.

Não sei de lavoura mais bella do que a do mestre e, entre o que espalha a sementeira no alfôbre e o que incute o verbo no espirito é, sem duvida, superior o segundo.

O pão da seara mitiga a fome de um dia; a instrucção é alimento perenne : pão é pasto; idéa é luz.

O lavrador planta para o corpo, o didacta semeia para a alma.

E' na escola que o povo transforma-se em nação.

O alphabeto mantém o Passado no presente e singra para o Futuro. Barca sagrada, de vinte e cinco remeiros, vogando no Tempo, o alphabeto é mais misericordioso do que a arca, porque, salvando a tradição da Humanidade, espalha os cantos da révora do mundo na tristeza con-

temporanea, como aves da madrugada soltas no crepusculo. Mais vale uma criança que jogue com o alphabeto do que uma horda ignara sahida da Escuridão.

Não basta ser homem, é preciso ser força, ter consciencia de si e conhecimento da Vida.

A Esphynge reapparece diariamente com o sol — é o mysterio, e, se os esclarecidos lutam para decifral-o, que farão os miseros que desconhecem os caracteres da inscripção fatal?

A escola é como uma torre alta a que se sobe por escaleira fulgida — de degráu em degráu mais a vista alcança descortinando o mundo, o universo, desde os horizontes rasos da terra até ás nebulosas suspensas em colgaduras rutilas.

A letra é voz, o numero é penna — a palavra é o Verbo, emanação divina; o calculo é aza que triumpha no espaço. Com estas duas forças chega-se até onde póde chegar o espirito.

Nos *Aveugles*, de Mæterlinck, ha um symbolo admiravel que vem aqui a proposito.

Sahem os cegos de um asylo com o seu guia. Passo a passo, contentes, enveredam em um bosque seguindo ao som da voz pastoral de quem os leva.

Com que enlevo ouvem o sussurro do folhedo,

aspiram o cheiro acre das resinas, escutam o gorgeio dos passaros, param, sorrindo, junto d'agua que canta.

O guia, velhinho e enfermo, cança. A' sua voz detem-se a turba e o coitado, achando uma pedra a geito, senta-se, inclina a fronte e ali fica, immóto.

Em torno os cegos cochicham, babarizam, riem. Este estremece ao leve roçar da aza tenue de uma borboleta; aquelle passa, repassa os dedos na casca rugosa de velho tronco. Qual, agachado á beira d'agua, refresca voluptuosamente as mãos na correnteza; qual, a cantar baixinho, macéra entre os dedos folhas que trescalam. Mas o tempo corre e arrefece. Alguem murmura em tom sombrio : « Parece que vem vindo a noite. » Augmenta o frio, transe; os ruidos tornam-se estrondosos.

Então, como o guia persiste calado, um cego chama-o. Silencio. Repete o appello em voz mais alta. Mutismo. Reclama-o, voz em grita e pavida. O bosque atrôa soturno.

O medo espalha-se, communica-se a todos e são todos a bradarem. Alguns choram e, movendo-se, esbarram-se aos encontrões, tacteam, topam as mãos umas com as outras, tropeçam, abalroam nas arvores, magoam-se.

Já um delles annuncia tormenta, outro faz

notar um escachôo, e sussurra aterradamente : « E' o mar! » Augmenta a balburdia, é um torvelinho de espectros no crepusculo pallido até que uma voz brada no tumultuar do desespero : « Que o menino veja ! »

E' o pequenino filho de uma cega, unico ser que vê entre tantos obliterados.

A mãi levanta-o nos braços tremulos, todas as mãos elevam-se, agitam-se, na ancia de tomarem e suspenderem aquelle que vê, e bradam-lhe : « Olha! » E os olhos innocentes da criança vêm por todos os cegos.

Esse olhar é um esplendor na treva, é uma estrella dentro da noite !

Symbolo admiravel!

Tal como o olhar do infante é o brilho da intelligencia e é na escola que ella se accende para luzir, tornando-se um astro na alma.

O diamante em natureza é pedra opaca : o lapidario muda-o em fulguração.

Os governos deviam celebrar com festas as inaugurações das escolas, focos de claridade que fazem mais pela gloria, pela prosperidade e pela defesa da Patria, do que todos os apparelhos de aço com que a possam blindar.

A escola que aqui se inaugura, sob o patrocinio da cidade, não é das que iniciam a intelli-

gencia no trato das letras — a sua instrucção, guiada para o conhecimento da alma, será uma como *mimesis*.

Aqui ó alumno virá aprender a reproduzir as emoções humanas, desde a que ri, na comedia, até a que allucina e desfigura na tragedia; reflectirá como um espelho e, reproduzindo a alegria ou o soffrimento, será, ao mesmo tempo, o interprete da nossa poesia dramatica, tanto tempo e humilhantemente açacanhada pelo córdace obsceno; virá afinar o seu dizer pela nossa prosodia, sem, todavia, sacrificar o vernaculo, senão apurando-o no falar estreme; virá exercitar-se na arte da scena movendo-se com elegancia, ouvindo com discreção, atalhando com aproposito, dialogando com eloquencia, sabendo estar em todas as attitudes, sem comprometter a graça com o geito canhestro do pastrano nem affectar, até ao ridiculo, a posição e o geito; virá, emfim, a ter idéas geraes do bello e conhecer a historia do theatro, desde os grandes dias dyonisiacos até ao referver da vida intensa deste seculo. Já era tempo de termos esta didascalía

Prátinas, um dos reformadores do theatro grego, fez, em torno do thymelo, um trabalho, talvez superior ao de Hercules na E'lida. « Foi elle, diz Paul de Sant Victor, que expulsou os

satyros da Tragedia como um bando de capros que conspurcasse um templo levantado no campo que lhes fôra pastura. »

Repulsando-os da arte nobre, levou-os de corrida para um corveiro onde pudessem marrar berrar, cabriolar e tresandar á vontade — e foi o drama satyrico — especie de alfurja, indispensavel na trilogia para despejo da sordicie.

Faltou-nos um homem de energia que se oppuzesse á invasão hircana e os capripedes irromperam de todos os rincões, ás upas, e invadiram o palco brasileiro enxotando os que nelle procuravam continuar a tradição dos dias augustos de João Caetano e Peregrino, Ismenia e Apollonia e ainda de Furtado Coelho, Lucinda e seus discipulos.

O nosso theatro é tavolado de feira — onde exclusivamente se mira ao lucro, usando-se de todos os meios torpes para o tornar mais grosso. Debalde Arthur Azevedo, sempre na brecha, procurou, com os salvados, refazer a antiga scena — todos os annos, nas proximidades do inverno, era infallivel a irrupção da bacchanal.

De desanimo em desanimo os poucos artistas nacionaes, fieis á Arte, cederam o campo aos invasores, indo, como no tempo de Scarron, jornadear nas provincias no velho carro que,

desde Thespis, leva pelos campos o thyaso de Dyonisio.

Teve a cidade, entre os monumentos com que foi dotada, um theatro sumptuoso. E'esplendido, não ha negar, mas lembra a cabeça de cêra que menciona a fabula : formosa, mas vasia. Dê-se-lhe a alma que lhe falta e será maravilha.

A poesia dramatica encaminha-se a novo rumo, é preciso seguil-a attentamente e os nossos poetas vão-lhe no encalço. Não sou pessimista como Philaréte Chasles que, já no seu tempo, alludia á fallencia desse genero :

" C'en est fait des jeux de la scène; la lutte des passions avec le caractère, et de notre destinée avec nos désirs, n'offre de nouveauté. C'est une vieille histoire souvent redite, un conte rebattu, dont l'intérêt s'est émoussé ".

Não subscrevo tampouco a linda phrase de Mme de Staël : " Tous les voiles de l'âme sont déchirés. "

Não, a alma é como o sol, invariavel na essencia, mas sempre nova nas manifestações, como os dias que se repetem, mas sempre com imprevistos. Os seculos trazem o seu cortejo de paixões, de nevroses, de delirios e de sonhos — tudo está em procurar o facto, estudal-o, desenvolvel-o e projectal-o na scena.

Demais, no Theatro é preciso ver o que apparece, attendendo, porém á grande Força anonyma, que gera o drama—o Povo.

O actor interpreta o poeta, o poeta interpreta o Povo, o Povo interpreta o Tempo. Assim é a Vida que apparece no Theatro em clarões mais ou menos intensos — ora pallidos, ora rubros, ora violaceos, ora ceruleos, mas sempre a Vida.

E, para termos a Poesia da nossa vida, desde a de um simples individuo até o grande *epos* do Povo, faltava-nos o theatro — corpo e alma. Do corpo é esta casa um membro, alma...? está, talvez, comnoso... quem sabe?

A escola começa com 138 alumnos. Um basta para enaltecel-a, reivindicando para o Theatro Brasileiro as glorias perdidas. Não nos retire o Prefeito o seu patrocinio, valha-nos sempre a Providencia com a sua Graça e talvez, em breve, vejamos repontar á flor do palco o novedio da flora intellectual que esmarriu desprezada e quasi pereceu sob o gelo da indifferença e espesinhada pelos satyros caprisaltantes.

Não nos falta coragem. Tenhamos fé e... avante!

NA ACADEMIA BRASILEIRA

Discurso na recepção do S[r]. Paulo Barreto a 12 de Agosto de 1910.

C'était un noble cœur, naïf comme l'enfance,
Bon comme la pitié, grand comme l'espérance,
Il ne voulut jámais croire à sa pauvreté,
L'armure qu'il portait n'allait pas à sa taille,
Elle était bonne au plus pour un jour de bataille,
Et ce jour-là fut court comme une nuit d'été.

Aqui o tendes em uma estancia de Musset — o estojo é digno do extincto e, atravéz delle, como pela tampa de crystal de um esquife, vê-se o lyrico suave das « Horas mortas ».

Era assim o pobre Guima e, como o seu poeta favorito, elle podia dizer, saudoso do tempo afortunado, quando os deuses andavam na terra entre os homens :

« Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux ».

Não venho evocal-o ante vós, que o conhecestes e ainda o tendes presente na memoria dos olhos, com a sua figura de entono, o passo lento e medido, de um alor augusto, seguindo sem rumo, parando aqui, ali, a cabeça erecta, o olhar em largo descortino curioso, como estrangeiro em transito que admirasse a belleza da terra joven e a graça, no que ella tem de mais airoso, que é a mulher; e a côr onde ella mais realça que é no relevo da paizagem e no limpido azul do céu.

Não o evocarei!

Já a sua imagem passou de leve nos periodos floreos do discurso que enlevadamente ouvistes, como a de um mysta no arvoredo de um bosque sacro, matizado a luar.

Seja-me, porém, permittido, emquanto me curvo ante o seu tumulo recente, que é um pouco meu — porque lá dentro ha muito da minha mocidade — dizer algo desse que foi o ultimo trovador da nossa terra e ceifeiro commigo na seára das illusões.

Trovador, elle o foi e da boa, genuina raça daquelles que, como Ventadour e Ausias March e os que enxameam sonoramente o cancioneiro do Rei Diniz, trilhavam estradas cantando e, diante dos castellos fortes, annunciado-se ao som da « róta » que attrahia á ogiva a solariega

loura, pediam pousada e, acolhidos ao lume nas salas apaineladas, diziam sagas e balladas para barões e damas.

Guima, poeta do amor, delle apenas viveu e por elle. Atravessou a vida com o mesmo descuido de si com que a cigarra atravessa o verão radioso. Mas, ao contrario do insecto estivo, que parece viver do sol, sempre recondito, concentrado no ideal, amava a lua silenciosa e fria.

Vivemos juntos alguns dias, eu seu hospede, em uma agua furtada lobrega, onde havia um catre, que era « um hemistichio » que apenas comportava metade do poeta, porque os pés transbordavam; uma rêde, a mala encourada, que servia de mesa, um retrato de Hugo e livros. Um postigo abria sobre o telhado.

Guima, nos dias quentes, sentia o sol nas telhas da estufilha e, ouvindo-as crepitar ao calor abrazante, resmungava enfezado e suando :

« Lá anda o monstro a patejar no cimo! »

O monstro era o sol. A' noite, porém, abria o postigo á lua. Ella entrava timida, sorrateira, pallida — tal descia Selene na collina hellenica a beijar o pastor Endymião formoso.

Elle rejubilava, vestia-se cantando e, não raro, com o estomago vasio, descia as escadas e entrava na rua, como Gavroche, a buscar solidão e silencio na cidade que adormecia. Andava.

Era visto nos theatros, nos hoteis, nas tascas e, quando, de todo, cessava a vida na morte ephemera do somno, ia esperar a manhan á beira mar, vel-a nascer no céu, lavar-se nas ondas, subir triumphal e de ouro dourando a terra. Aguavam-se-lhe os olhos de emoção.

Mas começava o rumor, accendia-se o sol e o poeta regressava ao « cimo » a pôr em rimas amores que sonhara, ouvindo ruflar a onda, saudades d'antanho que lhe acudiram, visões e tristezas que trouxera de fóra.

Noctambulo, ainda assim a sua noite não era a que corria no céu e na terra, com estrellas estudadas e combustores de gaz, mas a noite velha dos astros innominados e dos brandões e tripodes cheirosos, quando as constellações eram ainda divinas e os bosques densos e redolentes murmurejavam beijos no férvido estuar de amores de satyros e nymphas.

Teve todas as aventuras que romantizam a vida dos poetas — amou e soffreu de amores; dormiu, como Gringoire, á luz das estrellas claras; experimentou, como Ovidio e o Dante, as agruras do exilio; peregrinou em mares assolados da guerra; foi o Chefe de Policia de Gumercindo, em Santa Catharina; esteve em vesperas de ser passado pelas armas. Tanto, porêm, que a oliveira reverdeceu na patria,

regressou pressuroso á sua belleza, da qual andava aguado e receioso de a não tornar a ver.

Guima foi poeta de temperamento : o verso era o seu destino — rimava com a facilidade natural com que o passaro canta e por isso, sendo d'alma a sua poesia, infiltrou-se nas almas, como o filete de agua corre para o rio, até com elle perder-se no mar. Não era o poeta do livro — lido, não impressiona; ouvido, encanta.

Foi num rincão do pampa, á beira agreste do Camaquan, que senti verdadeiramente a poesia de Guimarães Passos.

Era noite, uma noite mystica, de socegado luar. As arvores reluziam immoveis na paizagem marmorea.

Alegre, num rodeio de gente, flammejava o fogão gaúcho. A cavalhada, á soga, movia-se em sombras lentas. A peonada churrasqueava.

Docemente, quérulo, um violão resoou, cavaquinhos vibraram, uma flauta languida desferiu e, por entre o som dos instrumentos concertados, alou-se a voz de um cantor.

A melodia era doce e as palavras sentidas.

Ergui-me do meu leito folheiro, sahi á porta da ramada pisando descalço o relvedo frio e, quieto, encostado ao esteio, deixei-me estar embevecido na cantiga tão suggestiva e tão

doce naquelle vasto scenario biblico. Ao fim, curioso, dirigi-me ao cantor, pedi-lhe o nome do poeta. Não sabia. Em compensação varias vozes disseram o titulo da modinha. *A Casa branca da Serra.*

— Mas é do Guima, exclamei em commovida surpreza e a minha emoção foi de tal maneira viva que os olhos se me arrazaram de agua. E' que eu vira o poeta construir aquella morada da saudade com a paixão de sua alma enamorada; vira-a subir desde os alicerces do amor até a ultima rima; vira-o preoccupado com o vocabulario, escolhendo expressões mimosas que ficassem bem e bem ornassem o templo do seu affecto e, depois de prompta, porque negal-o? a casa pareceu-me tosca.

Entretanto, ali na solidão, ás estrellas, entre a gente nomade, e cheia do som dos instrumentos, como a achei formosa!

E só naquella noite comprehendi o poeta porque o achei no seu meio, entre os simples.

Só naquella noite, ouvindo-a na voz de um rustico, provei o suave encanto da sua poesia. E ella por ahi anda de villa em villa, de rancho em rancho, abalsando-se a mais e mais; ella por ahi anda ao som de violões e guitarras, amenizando a vigilia dos serranos, aligeirando a jornada dos tropeiros, em serenatas ao luar sereno.

Refluindo da cidade, só no campo é sentida e amada. Se a Posteridade não a encontrar no livro ha de ouvil-a da boca de algum sertanejo e, talvez, a exilada regresse à cidade trazida por um folklorista e reentre anonyma nas lettras até que algum investigador paciente, esmerilhando, encontre o nome do poeta e restitua á sua gloria o que elle lançou abandonadamente ao povo.

Pobre Guima!

Morreu longe, em Pariz, á neve, e lá está no mesmo cemiterio em que jaz o seu poeta favorito. E os pardaes que trilam sobre o tumulo de Musset voam de leve e pousam entre as rosas que enfloram a cova do poeta alagoano.

Viveria hoje como viveu? Não creio. A cidade que o acolheu era outra, ainda permittia essa vida dissipada e indifferente, em que elle exgottou as energias. Vivia-se com sobriedade. As horas eram lentas e tudo fazia-se com preguiçoso vagar, sem ancia, sem o afogadilho da ambição — o tempo era vasto e vasio.

Um soneto bastava para dar gloria a um nome, uma attitude celebrisava um individuo — um homem destacava-se na multidão com escandalo por trazer uma rosa á botoeira. E Guima tinha o « Lenço », o soneto famoso com que acenou á celebridade, tinha aprumo e andava sempre

florido. Impoz-se. Admiradores paravam para vel-o passar, majestoso e indifferente : moços imitavam-n-o, disputando a sua convivencia; chegou a ser temido das mãis de familia como um Satan perverso, e as janellas cerravam-se sobre rostos de donzellas quando elle apparecia guapo, o olhar a fito, pisando, com solemnidade heroica, a lage das calçadas.

E assim temido, cortejado, admirado fazia a sua hora de « mostra » á porta de uma livraria, e era de ver-se-lhe a figura viril, em porte de estatua, gozando a admiração das gentes como um deus vaidoso do incenso que subia da terra e o envolvia no fumo dos aromatas oblativos.

Uma manhan, porém, descendo a escadaria da sua torre de sonho, em vez de encontrar a cidade como a deixara : pacata, com as suas callejas e viellas dessorando humidade, á sombra triste de velhos muros esborcinados e gente a babarisar coscovilhices de aldeia ou, lerda, bocejante, remancheando em serviço, achou-se, e com deslumbramento, no vasto esplendor das avenidas, na alfombra macia dos relvedos cuidados, diante de palacios, e rolou no turbilhão das turbas açodadas, atordoado com os vehiculos lustrosos que se cruzavam em velocidade de fuga, ante um fausto improviso, uma agitação repen-

tina, um ardor novo, um desusado arrojo para a vida.

Densas massas passavam por elle desattentas; nem um olhar, nem um murmurio : os proprios amigos que, na vespera, amesendavam-se com elle, ouvindo-o e applaudindo-lhe os versos, mal lhe acenavam adeuses.

A sua primeira impressão foi de espanto. Quedou olhando, certo de que estava dentro de um sonho, ou imaginando que acordara do somno de Epimenides e que a sua cidade, com a gente balorda que a povoara, desapparecera nos seculos, desfizera-se no tempo. E sentiu-se só e desamparado.

Ainda tentou um supremo esforço para acompanhar a investida vertiginosa, logo, porém, fatigou-se e, inerte, sem animo, descoroçoado, deixou-se ficar immovel, olhando sem comprehender o que via, perdido e solitario.

« Toutes nos passions, dit Zimmermann, nous suivent dans la solitude. La moindre maladie morale s'y aggrave, parce qu'on se représente vivement et sans cesse ce qui était et ce qui est. Là, on n'oublie rien ; là, toutes les vieilles plaies se rouvrent, là, nulle pointe de flèche ne s'émousse. Tout ce qui nous a jadis agité, tout ce qui s'est gravé dans l'imagination nous apparaît alors, ou comme un spectre qui nous poursuit

avec une rage infatigable, ou comme un ange qui nous montre à tout instant une félicité céleste. »

Pobre Guima! Essa foi, talvez, a causa da sua morte — acabou com a cidade que o amára. O idolo pereceu sob as ruinas do templo.

Sem forças para acompanhar a marcha accelerada em que vai a vida de agora e não querendo que o vissem combalido, não cobriu o rosto para morrer, fez mais — fugiu da Patria e foi cahir longe, em terra alheia, onde não soubessem que elle tivera dias de triumpho, para que não lastimassem a sua derrota e a sua decadencia.

E assim morreu como vivera — altivo. Pobre Guima!

Arrasada a velha cidade, como de um campo lavrado a ferro e fogo, a vida repontou mais vigorosa e mais farta. A' tibieza dos dias molles, de entorpecida modorra, succedeu a azafama desensoffrida das horas rapidas.

Já se não caminha automaticamente para o rame-ram do salario, corre-se em tumulto ao assalto da fortuna e o homem affronta-se com o desconhecido — atreve-se a perlustrar os extremos frios da terra, na eternidade algida dos gelos, ala-se aos ares conquistando o espaço.

O Progresso trabalha como Dedalo, pondo azas nas espaduas de Icaros.

Que importa a quéda de um se outro, em surto ousado, alcança a nuvem, balouça-se na altura, paira acima dos mais altos visos, dominando a terra e o mar lá de onde os astros nos mandam claridade?

E' a corrida frenetica para a riqueza, para a gloria, para o gozo que tudo isso, em summa, se resolve na mesma méta — que é o tumulo.

A ambição põe azas no calcaneo e acoberta o homem com o pétaso divino : pressa no movimento, pressa no pensamento.

Hermés é o symbolo da éra.

Tudo se conjura contra a lentidão : a machina supprime o braço, o dynamo vale por legiões. O raio de Zeus passou ás mãos de Prometheu e recomeça a escalada do ceu, agora com certeza de exito, porque não a tentam gigantes brutos, mas homens, e alados como os proprios deuses.

Esta mesma festa é uma victoria da vida intensa. Um moço é o triumphador, eil-o ahi comnosco. Nós subimos passo a passo a montanha e chegámos ao cimo já com os cabellos brancos, elle vingou-a aligero e com todo o viço da mocidade.

E' o primeiro que nos chega do novo tempo,

citando, como da historia antiga, dias, para nós saudosos, da nossa adolescencia.

Eil-o ahi com a vivacidade da juventude e o afogo dos que ambicionam.

Vem para a cadeira do poeta moroso que passou pela vida com a indifferença dos resignados, desejando, mas sem energia bastante para investir com o ideal.

Este, no pouco que tem vivido, não perdeu um instante : de cada minuto da sua curta vida, explue uma acção como de semente minima rebenta uma arvore.

Vem da mocidade e, moço, entra-nos pela casa como um raio de sol.

Bemvindo seja o precursor da nova geração que chega para collaborar comnosco. Não está só o Passado, tem o Futuro comsigo. Hosanna!

Não se allegue que venho louvar o academico por injuncção da Academia, em obediencia á pragmatica official — antes de o ter por nosso, nesta assembléa, já eu delle dissera o que vou repetir.

« Dois volumes em uma quinzena, outros no prelo, artigos escriptos a bordo no atabalhôo alegre da travessia ou nos hoteis das cidades que perlustra á pressa, observando com a serenidade de um indifferente, eis, neste momento,

a historia do escriptor curioso e verdadeiramente bizarro, unico em nosso meio, que é Paulo Barreto.

Quem o vê, sempre no mais apurado alinho, elegante no trajo, displicente nos modos, lento, o ar entediado e farto de quem já experimentou todos os gozos que propina a doce embriaguez do vinho de Hébe e começa a sentir a lia amarga no fundo da taça, não suspeita que ha nelle, esperto e scintillante, o espirito vivaz de um escriptor moderno.

Traça-lhe o viver pela apparencia, imagina que é um voluptuoso, dessa volupia inerte de preguiçamentos, que reclama penumbras silenciosas, amplos e flaccidos sofás de molas, vinhos doces, côr de ambar, resinas da Asia, trescalando em nuvens de fumo azul, tapetes avelludados, cortinas e reposteiros pesados que côem a luz e amorteçam os ruidos e, para encanto da intelligencia, uma bibliotheca de livros raros, encadernados como os queria o Duque de Brabante; para regalo dos olhos a alvura de marmores em femeninos corpos nús, e dominando o seu adyto, um symbolo mysterioso com uma legenda em hieroglyphos aureos.

Ninguem o dirá capaz de aventurar-se, á noite, longe do seu retiro socegado a buscar impressões em bairros sordidos e de má fama;

sentar-se á mesa de tavernas suspeitas, entre a farandulagem calaceira; afundar, á luz vasquejante de lanternas immundas, em cafuas onde o Somno, por um obulo, como o Charonte, dá passagem no rio do esquecimento ephemero; visitar tavolagens e antros obscenos; descer a rampa resvaladia dos cáes e ouvir conversas de catraeiros; correr betesgas e viellas; iniciar-se em religiões para estudar-lhes o rito — prostrado á beira-mar, entre rochas, adorando maravilhadamente o sol no occaso e correndo, na escuridão do crepusculo, para chegar a tempo de assistir ao « Introito » de uma missa negra : respeitoso ante o fetiche do « mina » e venerando a cruz; indo a tudo com a mesma soffrega anciedade de « novo », á cata do inedito, requestando apaixonadamente essa eterna e deslumbrante miragem que é — a alma da multidão.

Pois é justamente em tal diorama que se compraz o escriptor estranho que, sob a apparencia de um enfarado da vida, é dos que a amam com o amor exaltado que leva ao sacrificio.

E a vida é assim — uma palheta onde o artista vai buscar as tintas com que illumine a sua obra — de longe é como o iris, uma faixa de sol, na camara escura é o espectro, o hepta-

chromo, as sete cores, desde o vermelho do crime até o roxo da magua e, entre ellas, o azul e o verde, como a innocencia e a esperança e outras ainda que o prisma da observação decompõe na sombra.

Para sentir a vida é necessario penetral-a, ir-lhe ao fundo e é o que faz o joven escriptor, sempre flagrante.

Como o lendario califa, percorre as ruas desertas escutando ás portas para surprender confidencias, ouvir sons de beijos ou anceios de morte, palavrões ou doces murmurios de idylios, ver o Bello e o Hediondo, o Sublime e o Ridiculo, a Candura e a Torpeza, a Comedia em uma calçada e a Tragedia na outra, uma a rir, outra a chorar, mordendo os pulsos.

No salão, ao intenso fulgor das lampadas, entre decótes e casacas, é o annotador da elegancia e colhe das almas superiores a essencia requintada da civilização. Sahe, a manhan vem longe, sobram-lhe horas de treva, esse manto da miseria, e lá vai elle ás alfurjas e, ainda recordando o encanto de onde emergiu, mergulha no horror — é a descida ao Inferno com as sandalias rutilantes do pó dos astros do Paraiso.

E o escriptor abeira-se do bagaço humano, ainda o espreme aproveitando-lhe a angustia e

faz com ella e com a alegria que trouxe do salão esse elixir de sonho que nos dá, como nas visões do opio, ora o encanto que delicia, ora o horror que retranse.

Abelha, aproveita todas as flores, a do jardim e a do paúl e dellas extrahe o mel que é doce e trava porque é um composto de ventura e dôr.

E' assim o homem singular dos livros « *As religiões do Rio* ». « *A alma encantadora das ruas* », « *O momento litterario* » e o « *Cinematographo* ».

Paulo Barreto desorienta-nos pela sua indisciplina littetaria — ora é um « classico », e surge-nos sereno, como sahindo dentre os platanos, meditando ainda os dictames do philosopho. E' um grego da grande éra e fala dos deuses e das hetaïras, descreve-nos os jogos da arena e o culto dos templos, sabe das expedições por terra e mar e annuncia-nos a victoria de um conductor de quadriga ou a coroação de um poeta.

Subito, num salto sobre o espaço e o tempo, transfigurado, eil-o a referir-nos o ultimo caso da cidade, correndo o reposteiro de seda de uma camara côr de rosa que vela e sensualisa o ambiente do adulterio galante ou levando-nos á baiuca, ainda manchada de sangue, onde

cahiu, a golpes, a michella traidora, ou tirando do bolso, entre flores seccas e um pergaminho antigo com invocações a forças occultas, um amuleto, buzio ou hippocampo, presente de um feiticeiro ou dadiva de uma supersticiosa.

Sente-se que tal homem é um excentrico que, negligentemente, ou para gozar o disparate, orna a gorja da Venus de Milo com um collar de conchas, ou cinge-a, á maneira de césto, com uma tanga de barro cosido; um curioso que tem á sua cabeceira Homero e Brisson, Eschylo e Bernstein, Aulo Gellio e Huret, Dante e Conan Doyle, e, deixando Ulysses na terra dos Pheacios, segue um inquerito com Anatole France; desce do Caucaso, onde ouviu Prometheu, para a violencia mundana da "Rafale"; sahindo das "Noites atticas" acorda na Allemanha, com o reporter, e na volta de um circulo do "Inferno" encontra Sherlock Holmes e esquece-se, distrahido, a conversar com elle.

O estylo do escriptor resente-se de taes leituras e, ainda mais, da sua vida de observador constante : é um mixto de clarões e sombras.

Ha nelle periodos de um trabalhoso retraço, onde os vocabulos precisos adaptam-se com justeza e brilham, os epithetos são perfeitos e a fórma nobre, polida, é de um remate impeccavel. Improvisamente, em fuga, rapida, a anno-

tação, a côr sem o desenho, um golpe de espátula dando a impressão forte. De longe encanta, perto a mancha apparece.

A pressa fal-o transigir com a arte, mas no correr das paginas, periodos taes, longe de as comprometterem, dão-lhes um cunho original, e quem os lê tem a impressão exacta da vida, ora lenta, grave, olympica como a dos tempos augustos de serenidade, ora impetuosa, rispida, violenta, como nos dias de pressa e ancia em que rolamos.

A visão do conjunto obriga a synthese, a synthese força ao resumo, dahi as repressões, por vezes obscuras, mas sempre intensas, de que se serve o escriptor.

Taine esmiuça no estylo de Balzac grande numero de metaphoras atordoantes — algumas parecem arranques de loucura, vozes desvairadas de um delirio, outras são verdadeiramente comicas, resvalando no ridiculo e o grande critico justifica-as com o genio poderoso do escriptor formidavel — dando-as como a traducção de pensamentos complexos, a preoccupação de condensar em uma phrase toda uma impressão de natureza ou de alma.

Dessas metaphoras encontram-se em todos os creadores. São como os rochedos na natureza : disformes e admiraveis.

Ha em Paulo Barreto metaphoras que confundem, vocabulos que atarantam, construcções que desatinam. Tal barafunda é o escachoar, o precipitoso despenhar da idéa, a viva, indomavel corrida do espirito em pós do facto em curvas e colleios, viezes e viravoltas, até apanhal-o e fixal-o, com adjectivo forte, no periodo.

Todos os livros de Paulo Barreto são brilhantes, palpitam nelles vasquejos, mas a claridade reabre-se, mais viva e esplendida.

Mas o que delles resalta á primeira vista é o vigor do talento, manifestado na poderosa faculdade de observação que nos annuncia, para os dias repousados que hão de vir com a metamorphose do jornalista apressado no escriptor paciente e sereno, quando o reporter do facto passar a ser o analysta de almas, um romancista robusto, que entrará na arena apparelhado para uma grande obra com a leitura dos mestres, com o conhecimento amplo da natureza e das almas e o thesouro de um vocabulario que, dia a dia, avulta em abundancia e estrema-se em vernaculidade e que, perdendo todas as impurezas que o maculam de jaças, ha de fulgurar diamantino, encarnado em paginas de arte perfeita, opulentas de vida e flagrantes de verdade.

Se ha escriptor em que possamos confiar para o registro da nossa época tumultuosa é esse

que, sob a apparencia flacida de um preguiçoso indifferente, é uma actividade que assombra e o mais intrepido e o mais esforçado dos que servem á Arte pela gloria da Vida e labutam na Vida pelo esplendor da Arte ".

Estas foram as palavras de hontem e serão as de hoje : o hymno é um para todos os momentos.

A Academia acaba de abrir as suas portas aos novos; bom é que assim seja para que se não insista em dizer que, nesta casa, onde assistem — e excluo-me da referencia — os espiritos superiores da nossa litteratura, tudo é gélido e retranzido e pelos cantos, enconchadas em somno veternoso, jazem ancianias torpidas que, ao estremunharem, resmungam conceitos serodios, esmoem versos sediços, bradam contra a irreverencia dos moços e cabeceando, recahem na modorra, arrepanhando ás gelhas e aos perigalhos as pontas da tunica rapada.

Bom é que venha a mocidade ver como aqui se vive e trabalha e trazer-nos o seu ardor, o sol do espirito, que é o enthusiasmo e o sonho que é a flôr que nos perfuma e alegra a vida arida e triste.

E a mocidade ahi está. Alas á Primavera!

Indice